Lusíada
Repositório das Universidades Lusíada

Universidades Lusíada

Sousa, Susana Patrícia Mimoso e

Valores em adultos

http://hdl.handle.net/11067/5299

Metadados

Data de Publicação 2019

Resumo Resumo: Emergência do estudo: Os valores são um construto central da personalidade que, por sua vez, é um conceito central em Psicologia. Os valores são importantes preditores de muitos comportamentos humano, sendo, por isso, fundamentais para a compreensão holística do mesmo. Por uma razão é importante compreender se os valores de sujeitos adultos diferem tendo em conta as suas características sociodemográficas. Objetivo do estudo: O objetivo deste estudo foi investigar os valores, em sujeitos...

Abstract: Emergency: Values are a central construct of personality which, in turn, is a central concept in psychology. Values are important predictors of many human behaviors and are therefore critical to their holistic understanding. For one reason it’s important to understand if the values of adult subjects differ taking into account their sociodemographic characteristics. Objective: The aim of this study was to investigate the values in adult subjects, taking into account their sociodemograp...

Palavras Chave Psicologia, Psicologia clínica, Avaliação da Personalidade, Teste psicológico - Inventário de Valores de Vinte Itens (IVVI)

Tipo masterThesis

Revisão de Pares Não

Coleções [ULP-IPCE] Dissertações

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-19T01:13:01Z com informação proveniente do Repositório

VALORES EM ADULTOS

Dissertação
para a obtenção
do Grau de Mestre em:

Psicologia Clínica

VALORES EM ADULTOS

Susana Patrícia Mimoso e Sousa

PORTO 2019

Instituto de Psicologia
e Ciências da Educação
Universidade Lusíada - Norte (Porto)

Susana Patrícia Mimoso e Sousa

Instituto de Psicologia
e Ciências da Educação
Universidade Lusíada - Norte (Porto)

Dissertação
para a obtenção
do Grau de Mestre em:

Psicologia Clínica

VALORES EM ADULTOS

Susana Patrícia Mimoso e Sousa

PORTO 2019

ORIENTAÇÃO:
Prof. Doutor Paulo Moreira

Instituto de Psicologia
e Ciências da Educação
Universidade Lusíada - Norte (Porto)

PANTONE 151 C

C: 0
M: 48
Y: 95
K: 0

Agradecimentos

Ao longo deste meu percurso foram muitas as pessoas que contribuíram para o meu crescimento pessoal e profissional.

Desde já, gostaria de agradecer, em especial, aos meus pais, pela paciência, compreensão e encorajamento demonstrados, que me motivaram a continuar firme e dedicada. Sem as vossas palavras de apoio nada disto seria possível.

Ao meu namorado, um agradecimento muito especial, pelo amor, companheirismo, paciência e motivação que me transmitiu, e por estar sempre ao meu lado nos bons e nos maus momentos. Que seja sempre assim!

Às minhas amigas, Ana, Carla, Sara e Luísa, juntas somos "As Cinco", pela partilha de experiências e desabafos, pelo encorajamento e compreensão, e acima de tudo, pela amizade que se mantém forte há anos e sempre se irá manter.

Por fim, gostaria de agradecer ao Professor Doutor Paulo Moreira que, na qualidade de professor e, nesta última etapa da minha formação académica, orientador, me guiou, participando ativamente neste meu percurso através da partilha de ensinamentos, fundamentais para a realização deste trabalho

Muito obrigada a estas pessoas e a todas aquelas que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho e me apoiaram nesta fase de vida.

Índice

Agradecimentos i
Índice de Tabelas iii
Índice de Figuras iv
Lista de Abreviaturas v
Resumo vi
Abstract vii
1. Introdução 1
1.1. Valores 2
1.2. Valores e Características Sociodemográficas 15
1.3. Avaliação dos Valores 28
1.4. Objetivos e hipóteses 30
2. Metodologia 31
2.1. Participantes/amostra 31
2.2. Instrumentos 33
2.3. Procedimentos 34
2.3.1. procedimentos de recolha de dados. 34
2.3.2. procedimentos de análise de dados. 35
3. Resultados 35
4. Discussão dos resultados 53
4.1. Limitações do estudo 64
4.2. Implicações e futuras investigações 64
4.3. Conclusão 65
Referências 67

Índice de Tabelas

Tabela 1. Os 10 valores de Schwartz 13

Tabela 2. Caracterização dos participantes 32

Tabela 3. Distribuição dos participantes pelos grupos tendo em conta o estado civil 33

Tabela 4. Média e Desvio-Padrão das diferentes faixas etárias para os valores com os resultados da ANOVA Unifatorial..... 36

Tabela 7. Média e Desvio-Padrão dos diferentes estados-civis para os valores com os resultados da ANOVA Unifatorial..... 40

Tabela 8. Resultados do Teste Bonferroni entre valores e estado civil 42

Tabela 9. Média e Desvio-Padrão das diferentes habilitações literárias para os valores com os resultados da ANOVA Unifatorial..... 45

Tabela 10. Resultados do Teste Bonferroni entre habilitações literárias para os valores 46

Tabela 11. Média e Desvio-Padrão das diferentes profissões-estado para os valores com os resultados da ANOVA Unifatorial..... 48

Tabela 12. Resultados do Teste Bonferroni entre profissões-estado para valores..... 50

Índice de Figuras

Figura 1. Modelo dos 10 valores de Schwartz 10

Lista de Abreviaturas

IBM – *International Business Machines*

SPSS – *Statistical Package for the Social Sciences*

TwIVI/ IVVI – *Twenty Item Value Inventory*/ Inventário de Valores de Vinte Itens

Resumo

Emergência do estudo: Os valores são um construto central da personalidade que, por sua vez, é um conceito central em Psicologia. Os valores são importantes preditores de muitos comportamentos humano, sendo, por isso, fundamentais para a compreensão holística do mesmo. Por uma razão é importante compreender se os valores de sujeitos adultos diferem tendo em conta as suas características sociodemográficas. Objetivo do estudo: O objetivo deste estudo foi investigar os valores, em sujeitos adultos, tendo em conta as suas características sociodemográficas. Metodologia: É um estudo do tipo *Ex Post Facto* Retrospetivo. Participantes: Participaram 725 indivíduos da comunidade, de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 18 e os 88 anos. Instrumentos: Para avaliar os valores foi utilizado o Inventário de Valores de Vinte Itens (IVVI). Resultados: Os resultados apontam para a existência de diferenças estatisticamente significativas nos valores tendo em conta a idade, o sexo, o estado civil, as habilitações literárias e a profissão-estado dos participantes. Conclusão: Conclui-se que os valores de sujeitos adultos diferem tendo em conta as suas características sociodemográficas.

Palavras-chave: Valores; Personalidade; Características Sociodemográficas; Comportamento Humano.

Abstract

Emergency: Values are a central construct of personality which, in turn, is a central concept in psychology. Values are important predictors of many human behaviors and are therefore critical to their holistic understanding. For one reason it's important to understand if the values of adult subjects differ taking into account their sociodemographic characteristics. Objective: The aim of this study was to investigate the values in adult subjects, taking into account their sociodemographic characteristics. Methodology: This is an Ex Post Fact Retrospective study. Participants: 725 male and female community members from 18 to 88 years old participated in this study. Instruments: To evaluate the values was used the Inventory of Twenty Items Values (IVVI). Results: The results point to the existence of statistically significant differences in the values taking into account the age, gender, marital status, educational attainment and profession-state of the participants. Conclusion: Values of adult subjects differ considering their sociodemographic characteristics.

Keywords: Values; Personality; Sociodemographic Characteristics; Human Behavior.

1. Introdução

A Psicologia é a ciência que estuda o comportamento humano no sentido de o compreender, explicar, descrever e predizer, através da análise e mensuração dos processos psicológicos envolvidos nas respostas comportamentais do sujeito (American Psychological Association [APA], 2007).

No estudo da compreensão do comportamento humano, importa destacar um construto de grande relevância - os valores. Sendo os valores dimensões integrantes de personalidade, uma maior compreensão destes revela-se fundamental para a compreensão do funcionamento psicossocial do sujeito.

É de sobrelevar o contributo deste estudo para a construção de modelos mais minuciosos do comportamento humano, para que daí resulte uma visão integradora mais compreensiva do ser humano. Desta forma, uma visão integradora do sujeito requer a compreensão do seu sistema de valores, nomeadamente como estes estão associados a características sociodemográficas.

1.1. Valores

Os valores são um construto central da personalidade e a importância de estudá-los está bem estabelecida uma vez que contribuem para a promoção de modelos mais integrativos da personalidade, contribuindo, desta forma, para uma compreensão holística do sujeito (Sandy at al., 2016).

Assim, antes de mais, importa definir o conceito de personalidade para que possamos compreender melhor o conceito de valores.

O conceito de personalidade é um conceito central em Psicologia, assim como na vida quotidiana (Hansenne, 2005). Tendemos a descrever as outras pessoas através das suas características de personalidade, para que possamos ter boas representações mentais relativamente aos que nos rodeiam (Hansenne, 2005).

Para Allport (1937), a personalidade é a organização dinâmica de sistemas psicofísicos que determinam o comportamento característico e os pensamentos de um indivíduo. Assim, a personalidade é uma entidade única que traduz a forma como uma pessoa pensa, reflete, age e se comporta em diferentes situações (Hansenne, 2005), que é definida como disposições duradouras do indivíduo que causam padrões característicos de interação com o ambiente que o rodeia (Parks & Guay, 2009).

Segundo Cloninger, as pessoas diferem umas das outras ao nível da personalidade, que é definida, pelo mesmo, como sendo uma organização dinâmica dos processos psicobiológicos que modulam a adaptação à experiência (Cloninger, 1994).

Desta forma, falar de personalidade é falar de características psicobiológicas que nos definem como pessoas. Deste modo, importa falar de traços de personalidade. Traços de personalidade são tipicamente definidos como descrições de pessoas em termos de padrões relativamente estáveis de comportamento, pensamentos e emoções (Parks-Leduc, Feldman, &

Bardi, 2015), sendo, por isso, tendências para mostrar padrões consistentes de pensamento, sentimentos e ações ao longo do tempo e das situações (Schwartz, 2012).

Assim, embora os traços de personalidade sejam vistos como centrais para a compreensão do sujeito, a posição dos valores pessoais é tida em conta de forma mais periférica neste âmbito (Bilsky & Schwartz, 1994). A Psicologia Diferencial e vários estudos sobre a personalidade têm prestado pouca atenção aos valores e, deste modo, estes são raramente mencionados na literatura, apesar de se constituírem como elementos úteis para descrever e explicar o comportamento individual (Bilsky & Schwartz, 1994).

De acordo com Bilsky e Schwartz (1994), apenas alguns anos antes, alguns autores (e.g. Furnham, 1984; Rim, 1984; Simmons, 1976) começaram a explorar as relações entre traços de personalidade e valores, sendo que alguns estudos sobre a personalidade sugerem a inclusão dos valores para a obtenção de um modelo integrativo das características do sujeito.

Para Parks-Leduc e colaboradores (2015), os traços de personalidade e os valores pessoais são características psicológicas importantes, uma vez que se constituem como importantes preditores de muitos comportamentos e as suas relações devem contribuir para uma compreensão mais complexa e abrangente da personalidade. Segundo os autores, ambos os construtos predizem várias variáveis em diversos contextos e áreas (Parks-Leduc, et al., 2015).

Mas o que são os valores?

De um modo geral, ao tentar explicar o porquê de os indivíduos se comportam de determinada forma, as pessoas referem-se a construtos como atitudes, crenças, traços ou normas (Schwartz, 2012). Contudo, cada um destes conceitos difere dos valores, que são construtos que variam consoante a importância que o sujeito lhe atribui e funcionam como

princípios orientadores da sua vida, sendo, por isso, medidos de maneira diferente (Schwartz, 2012).

Os valores são normalmente caracterizados como preferências individuais relativamente estáveis que refletem a socialização (Bilsky & Schwartz, 1994).

Desde cedo, têm emergido diferentes abordagens teóricas sobre os valores.

Os autores Allport, Vernon e Lindzey (1951, citados por Gregory, 2004) foram os primeiros autores a objetivar os valores, dando-lhes um sentido mais concreto, associando-os a atividades do dia-a-dia e descrevendo-os como preferências estáveis de comportamentos. Os autores criaram, ainda, um instrumento, denominado de Escala do Estudo dos Valores, cujo objetivo era medir a força relativa destes valores (Gregory, 2004). Esta escala permitia hierarquizar os valores através de 15 perguntas e os resultados obtidos remetiam para os *scores* dos valores propostos, nomeadamente, político, estético, teórico, económico, social e religioso (Gregory, 2004). Apesar disto, algumas críticas foram apresentadas a este instrumento, nomeadamente por ser um instrumento apresentar valores vagos e gerais (Gregory, 2004). Assim, e tendo por base o trabalho destes autores, Rokeach (1973) procurou perceber de que forma as pessoas organizam o seu sistema de valores, partindo de cinco pressupostos: 1) Considera que o número total de valores que uma pessoa tem é relativamente pequeno; 2) Todas as pessoas têm os mesmos valores, mas em graus diferentes; 3) Os valores podem ser organizados num sistema; 4) Os valores humanos podem ser atribuídos à cultura, sociedade e instituições, bem com à personalidade; 5) a maneira como os valores se apresentam é um algo que é fundamental analisar.

Desta forma, para Rokeach (1973), valores servem como padrões ou critérios que fornecem uma justificação social para as nossas escolhas e comportamentos, ou seja, um valor diz respeito a uma crença duradoura relativamente a uma forma de conduta ou estado final desejado que é pessoal e/ou socialmente preferível. Ademais, o autor sugere 36 valores e

propõe dois tipos de valores (18 em cada): instrumentais, que remetem para a forma como as pessoas atuam para conseguir alcançar um fim desejado, estando, desta forma, relacionados com aspetos morais e competências (ex.: honestidade e responsabilidade), e terminais, que dizem respeito às necessidades da natureza humana e estão associados a questões sociais e pessoais, como, por exemplo, ter uma vida confortável (Rokeach, 1973).

Mais tarde, Schwartz e Bilsky (1987, 1990) procuraram desenvolver uma teoria de valores básicos humanos que se aplicaria a diferentes contextos culturais e que estariam fundamentados na natureza social humana. Os autores identificaram três facetas de cada valor, correspondentes a três exigências universais da natureza humana. São elas, o tipo de objetivo (terminal *versus* instrumental), correspondente às necessidades básicas do indivíduo como um organismo biológico; os interesses a que atendem (coletivos *versus* individuais) correspondentes a requisitos de interação bem-sucedida entre pessoas e o domínio motivacional, correspondente a requisitos para a sobrevivência de grupos e sociedades. Estas três facetas foram, posteriormente, reduzidas para duas, sendo elas, os interesses a que atendem (social *versus* pessoal) e o domínio motivacional (Schwartz e Bilsky, 1987, 1990; Sandy et al., 2016). O desenvolvimento destas facetas deu origem a uma teoria sistémica da organização dos valores dos sujeitos e do seu conteúdo (Sandy et al., 2016; Roccas, et al., 2002).

Posteriormente, Schwartz (1992) definiu valores como objetivos amplos e transsituacionais que variam segundo o seu grau de importância para o sujeito e servem como princípios orientadores da sua vida ou de um grupo. Já Inglehart (1997) sugere que os valores se encontram associados às necessidades básicas, elencadas pela pirâmide de necessidades de Maslow, propondo, desta forma, que valores expressam necessidades humanas.

Assim, na perspetiva destes autores, podemos inferir que os valores orientam e justificam o comportamento humano.

No entanto, a ausência de definições téorico-concetuais validadas empiricamente, leva Schwartz (1992) a propor um modelo de valores inovador.

Assim, Schwartz (1992) destacou 10 valores humanos básicos que as pessoas em todas as culturas reconheceriam. Estes correspondem a domínios de valores que podem ser diferenciados pelos seus objetivos motivacionais e que podem ser avaliados por medidas consideradas equivalentes em 20 países diferentes (Sandy et al., 2016). Esses domínios de valor têm maior confiabilidade do que os valores individuais e, por isso, são psicometricamente superiores (Luk & Bond, 1993). A literatura para além de identificar estes valores, especifica, também, as relações dinâmicas entre eles (Schwartz, 2012).

Os valores são, desta forma, representações cognitivas de metas desejáveis e abstratas, que, de modo semelhante a necessidades, motivos e objetivos, motivam as ações (Bilsky & Schwartz, 1994; Roccas, Sagiv, Schwartz, & Knafo, 2002).

Os valores referem-se ao que é importante para a vida do sujeito, sendo que, cada indivíduo pode possuir vários valores (Schwartz, 2012). Desta forma, um valor pode ser muito valorizado por um sujeito, mas não por outro (Schwartz, 2012). Segundo o autor, os sujeitos e as sociedades são caracterizados pelos valores, para explicar as bases motivacionais das suas atitudes e dos comportamentos e, também, para se verificar alterações ao longo do tempo. A função social dos valores é motivar e controlar o comportamento dos membros de um grupo (Schwartz, 2012).

Os valores são estruturados de forma semelhante em grupos culturalmente distintos, o que sugere que existe uma organização universal das motivações humanas, já que estes têm por base uma ou mais das três condições universais da existência do ser humano, sendo eles, as necessidades que os indivíduos possuem, como organismos biológicos que são, os requisitos de interação social e as necessidades de sobrevivência e bem-estar dos grupos (Sandy et al. 2016). Desta forma, o ser humano, para lidar com estes requisitos, necessita de ter valores para

se orientar na sociedade (Sandy et al. 2016). Assim, embora a natureza dos valores e sua estrutura possam ser universais, a importância que os sujeito atribuem aos valores é distinta. Ou seja, indivíduos e grupos têm diferentes valores, "prioridades" ou "hierarquias" (Sandy et al. 2016; Schwartz, 2012).

Os valores básicos têm numerosas correlações externas estabelecidas, nomeadamente, a nível da idade, sexo, nível educacional, orientação política e religiosidade, e preveem uma ampla gama de decisões e comportamentos significativos nos sujeitos, pelo que, desta forma, as diferenças individuais na importância de valores particulares devem-se à combinação única de características biológicas, sociais e culturais de cada pessoa (Sandy et al., 2016). Um exame das muitas definições de valores na literatura revela cinco características comuns (Bilsky & Schwartz, 1994). Valores (a) são crenças ou conceitos (b) sobre comportamentos que são expetáveis (c) que vão além ou que transcendem determinadas situações, (d) que orientam a escolha ou a avaliação de comportamento e eventos, (e) e que são ordenados por importância relativa (Bilsky & Schwartz, 1994). Estas características são características formais que definem todos os valores. O que distingue um valor de outro é o seu conteúdo motivacional (Bilsky & Schwartz, 1994).

De acordo com Sandy e colaboradores (2006), atualmente, há fortes evidências da existência de uma estrutura quase universal de valores humanos básicos. A estrutura dos 10 valores básicos de Schwartz foi apoiada em 210 amostras de 67 países (Sandy et al., 2016) e resultados de 82 países fornecem evidências para a validade dessa estrutura entre culturas (Schwartz, 2012).

Deste modo, a teoria dos valores de Schwartz é o modelo de valores mais utilizado que identifica dez valores amplos com base nas motivações subjacentes a eles (Parks-Leduc, et al., 2015).

Os 10 valores básicos humanos mencionados por Schwartz (2012) e Schwartz, Sagiv, & Boehnke (2000) são:

- Autodireção (*Self-Direction*), que se refere ao pensamento e à ação como sendo independentes, estando relacionado com a escolha, criação e a exploração do sujeito. A autodireção surge das necessidades de controle e de domínio do sujeito, assim como dos seus requisitos interacionais de autonomia e independência. Refere-se a um indivíduo com um nível elevado de criatividade, orientado para a liberdade, independente, que ousa escolher os seus próprios objetivos e que é curioso.

- Estimulação (*Stimulation*) que se refere à excitação, à novidade e ao desafio. Os valores de estimulação surgem da necessidade orgânica de variedade e de estimulação, cujo objetivo do sujeito é manter um nível de ativação ótimo e positivo, em vez de ameaçador. Esta necessidade encontrar-se-à, provavelmente, relacionada às necessidades subjacentes aos valores de autodireção. Refere-se a um indivíduo ousado e que possui uma vida variada e excitante.

- Hedonismo (*Hedonism*) que se refere ao prazer ou à gratificação sensual de si mesmo. Refere-se a um indivíduo guiado pelo prazer, que retira gratificação da vida e que é auto-indulgente.

- Realização (*Achievement*) que se refere ao auto-respeito e ao reconhecimento social, ou seja, ao sucesso pessoal através da demonstração de competência de acordo com padrões sociais, sendo esta competência, fundamental para a sobrevivência do sujeito e para que grupos e instituições atinjam seus objetivos. Os valores de desempenho enfatizam a demonstração de competência em termos dos padrões culturais vigentes, no sentido da obtenção de aprovação social. Refere-se a um indivíduo ambicioso, bem-sucedido, capaz, influente e inteligente.

- Poder (*Power*) que se refere ao estatuto social e ao prestígio, e ao controlo ou ao domínio sobre pessoas e recursos. Os valores de poder podem ser transformações de necessidades individuais de domínio e de controlo, enfatizando a obtenção ou a preservação de uma posição

dominante dentro do sistema social. Refere-se à autoridade, à riqueza, ao poder social, à preservação da imagem pública do sujeito e ao seu reconhecimento.

- Segurança (*Security*) que se refere à segurança, à harmonia e à estabilidade da sociedade, dos relacionamentos e do *self*. Os valores de segurança surgem de requisitos básicos individuais e de grupo. Este valor diz respeito à ordem social, à segurança familiar, à segurança nacional, à limpeza e à reciprocidade de favores e refere-se a um indivíduo saudável e moderado.

- Conformidade (*Conformity*) que se refere a restrições de ações e impulsos que possam perturbar ou prejudicar outras pessoas e/ou violar expectativas ou normas sociais. Os valores de conformidade surgem da exigência de que os indivíduos inibam ações que possam perturbar e prejudicar a interação suave e o funcionamento do grupo. Desta forma, os valores de conformidade enfatizam o autocontrole na interação quotidiana. Refere-se a um individuo obediente, autodisciplinado, cortez, que honra os pais e os idosos, e que é leal e responsável.

- Tradição (*Tradition*) que se refere ao respeito, ao compromisso e à aceitação dos costumes e ideias que a cultura ou a religião oferece. Refere-se a um indivíduo que tem respeito pela tradição, é humilde, devoto, que aceita a sua parte na vida e que tem uma vida espiritual moderada.

- Benevolência (*Benevolence*) que se refere à preservação e melhoraria do bem-estar daqueles com quem se está em contacto frequente (relações dentro da família e outros grupos primários). Os valores da benevolência surgem do requisito básico do bom funcionamento do grupo e da necessidade de afiliação. Os valores da benevolência enfatizam a preocupação voluntária com o bem-estar dos outros e refere-se a um indivíduo que é amável, honesto, perdoador, responsável, leal, que possui uma amizade verdadeira e um amor maduro. Este valor diz respeito ao sentido de pertença, ao significado na vida e a uma vida espiritual.

- Universalismo (*Universalism*) que se refere à compreensão, à apreciação, à tolerância e à proteção para o bem-estar de todas as pessoas e para a natureza. O universalismo combina duas

preocupações, a primeira com o bem-estar da sociedade e do mundo maiores e, a segunda, com a natureza. Refere-se a um indivíduo com mente aberta, com senso de justiça social e igualdade, que procura ver a paz no mundo e a sua beleza, que procura estar em união com a natureza, que é sábio e protetor do ambiente.

Uma característica importante da teoria de Schwartz é a estrutura dinâmica dos valores que podem ser representados num modelo circumplexo (Luk & Bond, 1993). Os 10 valores que Schwartz identificou estariam, então, organizados num contínuo motivacional circular (Figura 1), onde os valores adjacentes (valores que se encontram mais próximos no círculo) estariam concetualmente mais relacionados (Cieciuch, Davidov, Vecchione, Beierlein, & Schwartz, 2014; Sandy et al., 2016).

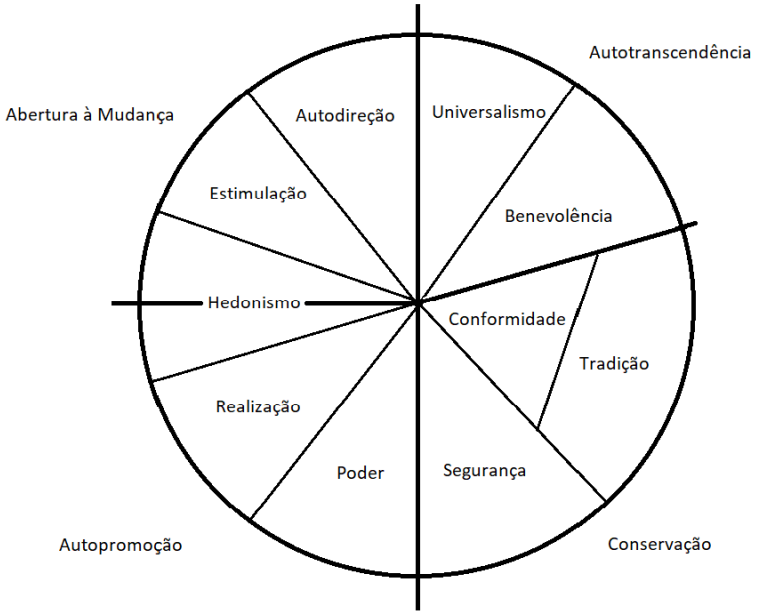

Figura 1. *Modelo dos 10 valores de Schwartz. Adaptado de "* An overview of the Schwartz theory of basic values*" de* S. H. Schwartz, *2012, Online Readings in Psychology and Culture, 2*, p. 9. Copyright 2012 por International Association for Cross-Cultural Psychology.

A visualização dos valores organizados em duas dimensões bipolares permite resumir as oposições entre valores concorrentes. Estas duas dimensões, compostas por valores de ordem mais alta, que organizam o sistema de valores foram apoiadas por vários estudos (Bilsky & Schwartz, 1994; Schwartz, 2012). Alguns valores entrariam em conflito uns com os outros, nomeadamente valores localizados em zonas opostas do círculo, enquanto outros seriam compatíveis, uma vez que apresentariam um conteúdo motivacional similar (Cieciuch et al., 2014; Schwartz, 2012). Deste modo, a primeira dimensão diz respeito à oposição entre a Abertura à Mudança (*Openness to change*) e a Conservação (*Conservation*), que se refere ao conflito entre os valores que remetem para a independência de comportamentos, pensamentos, e sentimentos, e entre os valores que dizem respeito à procura de mudança (Autodireção e Estimulação), à autoestima, à ordem, à resistência para a mudança e à conservação do passado (Segurança, Tradição e Conformidade) (Schwartz, 2012). A segunda dimensão refere-se ao conflito entre os valores de Autopromoção (*Self-enhancement*) e Autotranscendência (*Self-transcendence*), ou seja entre valores que enfatizam preocupação com os interesses dos outros e o seu bem-estar (Benevolência e Universalismos) e entre os valores que enfatizam a procura pelos próprios interesses e pelo sucesso do próprioamos e domínio sobre os outros (Poder e Realização) (Schwartz, 2012). O valor Hedonismo compartilha elementos tanto da dimensão Abertura à Mudança como da dimensão Autopromoção (Schwartz, 2012).

Desta forma, as ações do sujeito na procura de um determinado valor têm consequências práticas, psicológicas e sociais, que podem ser compatíveis ou não com a procura de outro valor (Bilsky & Schwartz, 1994). Assim, ao optar por uma ação que promova um valor (por exemplo, consumir drogas - estimulação), o sujeito pode contrariar ou violar um valor conflituante (por exemplo, obedecer aos preceitos da sua religião - tradição) (Bilsky & Schwartz, 1994). Neste caso, o sujeito pode sentir que tal situação apresenta alguma dissonância psicológica, pois tal aponta para uma inconsistência entre a ação do sujeito e os

seus valores (Bilsky & Schwartz, 1994). Assim, segundo Schwartz esta estrutura circular, que sugere compatibilidades e conflitos entre os 10 valores, é aparentemente universal entre culturas (Schwartz, 2012), tendo sido apoiada em amostras de adolescentes, estudantes, adultos e representantes de mais de 80 países (Sandy et al., 2016). Há um surpreendente consenso em relação à ordem hierárquica dos valores (Sandy et al., 2016; Schwartz, 2012). Nas amostras representativas, usando diferentes instrumentos, os *rankings* de importância dos dez valores são bastante semelhantes (Schwartz, 2012). Os valores de Benevolência, Universalismo e Autodireção são os mais importantes, por outro lado, os valores de Poder e Estimulação são os menos importantes (Schwartz, 2012).

A ligação entre valores e ansiedade (Tabela 1), tendo em conta a diferenciação entre valores indutores de ansiedade[1] e valores não indutores de ansiedade[2], ajuda a explicar outros aspetos da estrutura dos valores. Desta forma, os valores de Realização, Poder, Segurança, Conformidade e Tradição (valores que se encontram na parte inferior do círculo - figura 1) visam lidar com a ansiedade pois são valores que estão ligados à incerteza inerente ao mundo social e físico (Schwartz, 2010). As pessoas procuram evitar o conflito (Conformidade) e manter a ordem (Tradição e Segurança) ou ativamente controlar a ameaça (Poder) (Schwartz, 2010). Estes valores são, por isso, orientados por motivações que decorrem de situações que geram ansiedade (Schwartz, 2010). Por outro lado, os valores de Hedonismo, Estímulo, Autodireção, Universalismo e Benevolência (na parte superior do círculo – figura 1) expressam motivações que são mais "livres" de ansiedade (não induzem ansiedade), pelo que promovem o crescimento pessoal (Schwartz, 2010). Assim, os valores de Conservação e de Autopromoção

[1] Em inglês, *anxiety-based values*
[2] Em inglês, *anxiety-free values*

estariam relacionados a uma maior ansiedade pessoal do que os valores de Autotranscendência e Abertura à Mudança, que refletiriam um maior conforto com a vida (Schwartz, 2010).

Tabela 1. *Os 10 valores de Schwartz*

Dimensões	**Valores**	**Relação entre valores e ansiedade**
Conservação	Segurança	Indutores de ansiedade
	Conformidade	
	Tradição	
Autopromoção	Realização	
	Poder	
Autopromoção/Abertura à Mudança	Hedonismo	Não indutores de ansiedade
Abertura à Mudança	Estimulação	
	Autodireção	
Autotranscendência	Universalismo	
	Benevolência	

*Nota. Adaptado de "*Prosocial motives, emotions, and behavior: The better angels of our nature*" de S. H. Schwartz, 2010,* Washington, DC: American Psychological Association.
Copyright 2010 por American Psychological Association.

Como anteriormente mencionado, os valores são um construto central da personalidade e a importância de estudá-los está bem estabelecida (Sandy at al., 2016). No entanto, de que forma é que os valores influenciam o comportamento humano?

Segundo Parks-Leduc e colaboradores (2005), os valores de um sujeito podem influenciar os seus traços de personalidade. Desta forma, como os valores motivam o comportamento, se um valor (por exemplo, Benevolência) levar a um comportamento recorrente (por exemplo, cuidar dos irmãos mais novos), esse comportamento recorrente

tornar-se-á, mais tarde, uma característica de personalidade do sujeito, porque os seus traços de personalidade incluem padrões recorrentes de comportamento (Parks-Leduc, et al., 2015). Assim, os valores expressam as motivações do sujeito que podem ou não ser refletidas em comportamentos (Parks-Leduc, et al., 2015).

Para Roccas e colaboradores (2002) os traços de personalidade possuem uma influencia mais forte sob o comportamento sobre o qual os indivíduos têm pouco controlo cognitivo enquanto que os valores atuam mais sobre o comportamento que se encontra mais sob controlo voluntário. Os resultados apoiam a ideia de que a influência dos valores no comportamento depende mais do controlo cognitivo do que da influência dos traços (Roccas, et al., 2002). Para explicar isto, os autores (Roccas, et al., 2002), sugerem que vários mecanismos podem vincular características de personalidade e valores: 1) As características de temperamento podem dar origem a traços de personalidade e valores paralelos. Por exemplo, pessoas que nascem com uma grande necessidade de excitação tendem a desenvolver um traço de personalidade caracterizado pela procura por excitação e tendem a valorizar a estimulação e desvalorizar a segurança; 2) Valores e características podem, também, influenciar-se mutuamente. Os valores podem afetar os traços de personalidade uma vez que as pessoas tendem a comportar-se de forma consistente com seus valores, sendo, por isso, guias de comportamento. Por outro lado, os traços de personalidade podem afetar os valores, uma vez que, sujeitos que exibem consistentemente um traço de personalidade tendem a aumentar o grau em que valorizam os objetivos subjacentes ao mesmo, o que lhes permite justificar o seu comportamento. Desta forma, as associações entre traços de personalidade e valores podem refletir as suas influências entre si, bem como as suas origens genéticas e as suas adaptações desenvolvimentais (Roccas, et al., 2002).

Ainda, segundo Schwartz (2012), as pessoas que exibem um determinado traço de personalidade podem não valorizar o objetivo correspondente e aqueles que não possuem esse

traço podem valorizá-lo. Em jeito de exemplo, uma pessoa pode comportar-se de forma obediente e, contudo, não valorizar a obediência, uma vez que os traços de personalidade variam na frequência e intensidade com que as pessoas os exibem, descrevendo as pessoas tal como são, e não o que as pessoas consideram importante (Schwartz, 2012).

1.2. Valores e Características Sociodemográficas

Agora que percebemos o que são valores e, tendo por base que estes são aparentemente universais entre culturas, importa perceber se estes diferem de sujeito para sujeito, tendo em conta as suas características sociodemográficas.

Diferenças comportamentais entre homens e mulheres podem surgir da importância que ambos atribuem a diferentes valores (Beutel & Marini, 1995).

Estudos anteriores (Beutel & Marini, 1995; Feather, 1975; Rokeach, 1973) relataram diferenças entre sexos, relativamente a prioridades de valores.

Num estudo recente de Schwartz e Rubel (2005), os autores procuraram descobrir se há diferenças universais entre os valores entre homens e mulheres, tentando perceber se as mulheres atribuem mais ou menos importância do que os homens a determinados valores particulares, independentemente da idade, educação ou formação cultural, tendo mostrado que:

- Homens e mulheres diferem consistentemente na importância que atribuem à maioria dos valores básicos;
- Os homens atribuem consistentemente mais importância aos valores de poder, estimulação, hedonismo, realização e autodireção, comparativamente com as mulheres;
- Contrariamente, as mulheres atribuem mais importância a valores de benevolência, segurança e universalismo;
- Os sexos não diferem em valores de tradição e conformidade;
- Os efeitos do sexo na importância do valor variam substancialmente entre as culturas.

Os autores (Schwartz & Rubel, 2005) explicam que o padrão de diferenças sexuais observadas está de acordo com as expectativas da teoria da estrutura das relações entre os valores (valores em direções opostas do círculo se podem provocar conflitos sociais e psicológicos versus valores adjacentes uns aos outros se são congruentes entre si), assim, as duas dimensões opostas da estrutura dos valores organizam as diferenças de sexo em prioridades de valores:

- Os homens atribuem mais importância do que as mulheres aos valores de Autopromoção (Poder, Realização) e as mulheres atribuem mais importância aos valores opostos de Autotranscendência (Universalismo, Benevolência).
- Os homens, mais do que mulheres, favorecem valores de Abertura (Autodireção, Estimulação) e valores de Hedonismo, que compartilham elementos de Abertura e Autopromoção.
- Homens e mulheres diferem menos em relação aos valores de Conservação opostos (Segurança, Tradição, Conformidade), embora as mulheres favoreçam um pouco mais a Segurança e a Tradição.

Mas porque é que existem estas diferenças entre sexos?

De acordo com Wood e Eagly (2002) perspetivas essencialistas e construtivistas sociais são frequentemente utilizadas para explicar as diferenças entre sexos, sendo que as perspetivas essencialistas se referem que as diferenças sexuais são básicas e estáveis tendo surgido de causas inerentes à espécie humana, como por exemplo as disposições psicológicas que evoluíram tendo por base a biologia, e que as perspetivas construtivistas sociais se referem à variação das diferenças sexuais entre os contextos sociais que emerge dos significados de masculino e feminino em contextos particulares.

Assim, os psicólogos evolucionistas regem-se por princípios evolutivos, como o investimento diferencial dos pais e, essencialmente, a seleção sexual (Trivers, 1972). Segundo Buss e Kenrick (1998) estes relacionam, também, as diferenças comportamentais entre sexos opostos com as diferentes pressões reprodutivas que sustentam e que remontam aos seus antepassados. Os psicólogos evolucionistas referem, por isso, que as pressões de seleção sexual que moldaram as diferenças psicológicas entre sexos emergiram de uma assimetria no investimento dos pais entre cada um dos sexos (Wood e Eagly, 2002). As mulheres investem mais nos filhos (Schwartz & Rubel-Lifschitz, 2009) e dependem mais do apoio do seu cônjuge durante a gravidez e a educação inicial (Trivers, 1972), tendendo a ser mais exigentes e seletivas na escolha dos seus parceiros, procurando parceiros que forneçam de forma satisfatória os recursos de que necessitam, o que já acontecia com os seus antepassados (Buss & Kenrick, 1998; Schwartz & Rubel-Lifschitz, 2009).

A perspetiva evolucionista sugere que os problemas adaptativos enfrentados pelos sujeitos ancestrais deram origem a objetivos psicológicos fundamentais que, atualmente, orientam a cognição e o comportamento humanos em domínios específicos da sua vida (Schwartz & Rubel-Lifschitz, 2009). Também para Buss e Kenrick (1998) e para Wood e Eagly (2002), as diferenças comportamentais entre sexos opostos que se verificam nas sociedades contemporâneas tiveram origem na evolução da espécie humana. Assim, os homens ancestrais competiam com outros homens pelo acesso sexual às mulheres, pelo que estes passaram a favorecer a agressão e a competição, e a correr mais riscos do que as mulheres (Wood e Eagly, 2002). Assim, os homens investem menos na prole e evoluíram para competir nas dimensões que as mulheres desejam. Desta forma, o *status* social e o consequente controlo dos recursos, obtidos em parte através de agressividade e competitividade, podem evidenciar que um determinado homem é o companheiro desejável (Betzig, 1986).

Desta forma, de acordo com Schwartz e Rubel (2005), a história da evolução levou ao desenvolvimento de mecanismos cognitivos e afetivos que diferenciam os sexos, sendo que os valores podem ser vistos como um desses mecanismos, por serem guias comportamentais. Para Schwartz e Rubel-Lifschitz (2009) os valores são, em parte, expressões dos objetivos fundamentais dos sujeitos e tais valores são mais importantes para um sexo do que para outro.

Por outro lado, a perspetiva construtivista social refere que as diferenças sexuais são produto de uma construção social, pelo que o género é construído culturalmente em resposta a situações particulares e histórias locais, sendo, por isso, um conjunto de comportamentos aprendidos que cada sexo exibe mediante interações sociais (Wood & Eagly, 2002)

Wood e Eagly (2002) propõem uma teoria biossocial da origem das diferenças entre sexos, que tem como base as duas perspetivas anteriormente abordadas, focando as relações interativas entre os atributos físicos de homens e mulheres e os contextos sociais em que estes vivem, dando especial atenção à distribuição de papeis sociais entre homens e mulheres dentro da sociedade.

Desta forma, sugere-se que as diferenças entre sexos podem estar nas diferenças entre papeis sociais entre homens e mulheres (Schwartz & Rubel, 2005; Wood & Eagly, 2002), que os sujeitos aprendem desde crianças (Steinke, 1997). O autor refere que as crianças processam e organizam informações sobre si próprias, com base nas definições culturais de masculinidade e feminilidade, desenvolvendo, desta forma, esquemas de género, que incluem crenças, atitudes e preferências relacionadas com esses esquemas, que influenciam as perceções dos sujeitos sobre o mundo. Os papéis sociais (ocupacionais, familiares, entre outros) proporcionam experiências diferentes para cada sexo, que influenciam diretamente o comportamento, as identidades, as atitudes e os valores básicos dos sujeitos (Schwartz & Rubel, 2005).

O valor de Poder é mais importante para os homens do que para as mulheres (Schwartz & Rubel-Lifschitz, 2009). É valor que evidencia uma maior diferença entre sexos, sendo consistente com as diferenças universais entre sexos, como por exemplo, em todas as sociedades os homens ocupam na sua grande maioria posições/cargos de alto poder e *status*, comparativamente às mulheres (Daly & Wilson, 1983), exibindo uma hierarquia de *status* mais rígida e mais competição do que as mulheres (Beutel & Marini, 1995). A perspetiva evolucionista afirma que as mulheres procuravam parceiros que pudessem contribuir com recursos para criar os seus filhos, selecionando-os através do seu *status*, uma vez que homens dominantes e de alto *status* normalmente possuíam mais recursos. Consequentemente, para aumentar seu sucesso na competição, a procura de *status* e de poder tornou-se um objetivo central para os homens (Schwartz & Rubel-Lifschitz, 2009).

Devido à importância atribuída aos papeis de género, os homens experimentam mais oportunidades de exercer o poder diretamente do que as mulheres, tendendo a valorizar mais o *status* e a competir com outros homens para alcançar os recursos desejados (Schwartz & Rubel, 2005). Também Prince-Gibson e Schwartz (1998) referem que os rapazes tendem a procurar valores de poder mais fortemente do que as raparigas, devido à influência da sociedade, e os homens, comparativamente às mulheres, são mais incentivados a ganhar e a exercer poder, e recebem maiores oportunidades para fazê-lo.

A maior competitividade masculina (procura pelo sucesso pessoal, demonstrando competência de acordo com os padrões sociais) é, por isso, consistente com a maior importância que os homens atribuem aos valores de Realização e Estimulação (Schwartz & Rubel, 2005). De acordo com Prince-Gibson e Schwartz (1998), na cultura ocidental, os homens são influenciados pela sociedade a valorizarem mais o sucesso pessoal através da competição e possuem mais oportunidades para fazê-lo (e.g. prática de desposto). As mulheres, no entanto, valorizam menos a Realização porque estão mais envolvidas no cuidado dos outros

do que os homens, investindo mais no suporte emocional em casa (Beutel & Marini, 1995) e têm maior necessidade de afiliação e temem a sua perda se investirem na competição para obterem sucesso pessoal (Prince-Gibson & Schwartz, 1998).

Os valores de Estimulação incentivam a tomada de riscos e a aventura (Prince-Gibson & Schwartz, 1998), justificando, deste modo, a procura de excitação, novidade e desafio na vida (Schwartz & Rubel, 2005). Os homens envolvem-se em comportamentos de risco mais do que as mulheres, uma vez que tal serve para aumentar seu *status* social (Schwartz & Rubel, 2005; Wood e Eagly, 2002). De acordo com Prince-Gibson e Schwartz (1998), os homens são educados socialmente para valorizarem essas qualidades, enquanto as mulheres são geralmente ensinadas a evitar riscos. Os autores referem, ainda, que tendo em conta os papéis de género, as mulheres são, de um modo geral, mais protegidas do que os homens, tendo menos oportunidades para correr riscos, experimentando, como consequência, maior censura social se incorrerem em problemas ao fazê-lo.

A maior importância que os homens atribuem aos valores do Hedonismo pode estar relacionada com a perspetiva da seleção sexual, abordada anteriormente, uma vez que os homens obtêm um maior benefício reprodutivo ao procurarem muitas relações sexuais prazerosas, enquanto que as mulheres correm o risco de terem gravidezes indesejadas, facto que as leva a não valorizarem tanto o Hedonismo (Schwartz & Rubel, 2005). Além disso, os homens ancestrais desenvolveram uma disposição para controlar a sexualidade das mulheres e experimentar ciúmes (Wood e Eagly, 2002), pelo que, atualmente, as mulheres não apresentam muitas oportunidades de satisfazerem os seus desejos fora do olhar atento das famílias, contrariamente aos homens (Schwartz & Rubel, 2005). Também, em muitas sociedades é exigido da mulher uma maior "pureza" e um maior investimento na manutenção da família (Schwartz & Rubel, 2005). Ou seja, de acordo com Prince-Gibson e Schwartz (1998), as normas e as sanções sociais que constrangem e desencorajam o desejo da mulher pela procura

de prazer, ou pelo menos a expressão desse desejo, são impostas mais fortemente às mulheres do que aos homens.

Para Prince-Gibson e Schwartz (1998), os valores de Segurança são requisitos básicos para a sobrevivência pessoal e social, baseados em necessidades primárias de igual relevância para os homens e para as mulheres. Os autores referem, no entanto, com base num estudo efetuado, que os homens israelitas participam mais diretamente na atividade militar em Israel. As mulheres valorizam mais a Segurança já que têm uma maior necessidade proteção pessoal e dos seus filhos, sentindo, por isso, maior necessidade de estabilidade e harmonia. Também, o facto de em muitas sociedades, o tamanho inferior das mulheres comparativamente aos homens, o seu *status* inferior e a sua maior dependência de apoio, tornam-nas mais vulneráveis do que os homens (Schwartz & Rubel, 2005; Wood & Eagly, 2002).

As mulheres enfatizam mais a compreensão, a apreciação, a tolerância, a proteção e o bem dos outros, valorizando mais o Universalismo, enquanto que os homens enfatizam mais a independência de pensamento e ação, a criatividade e a exploração, valorizando mais a Autodireção (Beutel & Marini, 1995; Schwartz & Rubel, 2005). As mulheres atribuem mais importância do que os homens aos empregos que envolvem ajudar outras pessoas, por isso é mais provável que as mulheres sejam empregadas em empregos que exijam habilidades sociais e apoio socioemocional (Beutel & Marini, 1995). Estes autores referem que tal é consistente com o papel de género atribuído às mulheres. Ademais, de acordo com Prince-Gibson e Schwartz (1998), as mulheres são menos encorajadas a procurarem autonomia e são mais compelidas a se afiliarem a outras mulheres que se mostrem submissas a si.

O valor de Benevolência encontra-se mais presente nas mulheres, uma vez que são mais predispostas a atender as necessidades dos outros, facto este fortemente reforçado pelas crenças sociais sobre o que uma mulher deve fazer para ser "boa" (Prince-Gibson & Schwartz, 1998). Além do mais, as mulheres tendem a investir mais na gravidez e nos cuidados maternais, assim

como a demonstrarem maior preocupação com o bem-estar de outras pessoas próximas, tendo mais presente o valor de Benevolência (Schwartz & Rubel, 2005; Schwartz & Rubel-Lifschitz, 2009). Segundo Beutel e Marini (1995), as mulheres, em oposição aos homens, são consideradas mais bondosas e possuem mais compaixão e dedicam-se mais aos outros. Também, contrariamente aos homens, um *status* mais baixo por parte das mulheres pode torna-las mais sensíveis a questões de igualdade e justiça e despertar a sua simpatia por grupos mais desfavorecidos (Schwartz & Rubel, 2005). Desta forma, as mulheres são mais propensas a ignorar as diferenças entre si e entre outros (por exemplo, outros grupos raciais e étnicos e com preferências sexuais diferentes) e a ter um maior senso de responsabilidade perante os menos privilegiados. As mulheres parecem possuir mais capacidades para adotarem as perspetivas de outro, nomeadamente para compreender os seus pensamentos, intenções e reações emocionais, comparativamente aos homens (Beutel & Marini, 1995). Para os homens, estes valores são menos importantes, uma vez que costumam desempenhar papéis mais importantes (Prince-Gibson & Schwartz, 1998).

Inicialmente, Prince-Gibson e Schwartz (1998) referem algumas diferenças entre sexos para os valores Tradição e Conformidade, resultantes de várias pesquisas efetuadas. No entanto, anos mais tarde, um estudo de Schwartz e Rubel (2005) demonstra não existirem diferenças nesses valores para ambos os sexos.

Relativamente ao valor Conformidade, as mulheres comportam-se de forma mais submissa do que os homens, enquanto que os homens são mais encorajados a agir com força e assertividade uma vez que o *status* social inferior das mulheres provoca com mais frequência um comportamento submisso e conformado da sua parte (Prince-Gibson e Schwartz, 1998). Também Wood e Eagly (2002) referem que os homens tendem a controlar a sexualidade das mulheres e de outros aspetos de seu comportamento, o que lhes dá um maior *status* e poder. Ademais, segundo Gomes, Diniz, Araújo e Coelho (2007), espera-se das mulheres delicadeza,

sensibilidade, passividade, subordinação e obediência, e, devido à sua condição biológica, é esperado que engravide e amamente. Segundo os autores, a sociedade também delegou à mulher o cuidado com o marido, o lar e os filhos.

Os papeis sociais são reforçados por culturas patriarcais reproduzidas na família e, deste modo, neste modelo de família, os papeis de género valorizam o homem em detrimento da mulher, legitimando, por um lado, a dominação do homem e por outro, a inferioridade da mulher (Gomes, et al., 2007).

Em relação ao valor da Tradição, este encontra-se mais presente nas mulheres já que as mulheres exibem uma maior religiosidade do que os homens (Beutel & Marini, 1995), estando mais envolvidas do que os homens em atividades tradicionais e religiosas, no mundo ocidental (Prince-Gibson e Schwartz, 1998). Segundo estes autores, o judaísmo, a religião dos participantes em estudo, atribui às mulheres a responsabilidade primária de inculcar a tradição religiosa através dos papéis no lar e na família

Para além do sexo, vários investigadores (e.g. Arnett 2000; Baltes 1987; Gouveia, Vione, Milfont & Fischer, 2015; Heckhausen, Wrosch, & Schulz, 2010; Robinson, 2013; Vaillant 2002) preocuparam-se em perceber quais as relações dos valores com a idade.

Os valores são considerados como sendo relativamente estáveis, embora haja algum reconhecimento de que eles podem mudar (Bardi, Lee, Hofmann-Towfigh & Soutar, 2009).

Segundo Gouveia, Vione, Milfont e Fischer (2015), como os valores são adaptações e objetivos motivacionais, a mudança dos valores é provável que ocorra em função das diferentes prioridades desenvolvimentais características de diferentes idades.

Os seres humanos desenvolvem representações mentais sobre os resultados desejados das transições do curso da vida e processos de desenvolvimento e, muitas vezes, esses resultados desejados são fortemente influenciados pelo que a sociedade passou a identificar

como uma tarefa de desenvolvimento para um determinado período de idade ou transição do curso da vida (Heckhausen, Wrosch, & Schulz, 2010). Para os autores, esses resultados desejados ou tarefas desenvolvimentais são adotados pelo indivíduo como objetivos de desenvolvimento que podem influenciar o seu próprio desenvolvimento.

Bardi e colaboradores (2009) referem que os valores mudam quando as pessoas se adaptam a novas situações de valores e que as alterações na importância que atribuímos aos valores, também podem acontecer como resultado de mudanças biológicas (por exemplo, maturidade, perda de habilidades, deterioração dos sentidos). Também para Gouveia e colaboradores (2015), a importância atribuída a objetivos particulares de vida (e.g. crescimento pessoal, encontrar um parceiro, reprodução e sobrevivência) muda com a idade, sendo que as alterações observadas na importância que os sujeitos atribuem aos valores é consistente com as circunstâncias da vida relacionadas com a idade e com o desenvolvimento psicossocial dos mesmos. Desta forma, para os autores, os valores possuem diferentes funções para diferentes estágios de desenvolvimento, podendo as mudanças nos valores ocorrer em resposta à mudança de papéis e exigências ambientais associadas aos diferentes estágios da vida, como é exemplo o casamento, a viuvez e a criação dos filhos.

Segundo Robinson (2013), as teorias do desenvolvimento do tempo de vida[3] referem que os valores pessoais mudam normativamente com a idade e que essa mudança é um processo adaptativo, uma vez que à medida que o sujeito envelhece, depara-se com uma mudança no equilíbrio dos seus ganhos e perdas relacionados com a idade, que trazem novas tarefas para cumprir, novos papéis para desempenhar e novos desafios para superar.

Tendo em conta a teoria do desenvolvimento humano de Erikson (1980), esta modela as principais fases do envelhecimento adaptativo, sendo este envelhecimento caracterizado por três estágios sequenciais, pelos quais todos os sujeitos adultos têm de passar: intimidade vs

[3] Em inglês, *Theories of lifespan development*

isolamento, generatividade vs estagnação, e integridade vs desespero. Cada um destes estágios remete para uma solução adaptativa que vai ao encontro dos desafios das três fases da vida adulta: jovens adultos, adultos e idosos (Robinson, 2013). Desta forma, Erikson (1980) sugere um aumento contínuo dos valores de Conservação com o aumento da idade. Os adultos mais velhos emergem como culturalmente e politicamente mais conservadores do que os adultos mais jovens. O que pode explicar esta mudança é o "horizonte de tempo" do sujeito, ou seja, quanto tempo pensam que lhes resta para viver, que é avaliado pelo próprio. Assim, sujeitos que possuem um longo horizonte de tempo, considerando que têm muito tempo para alcançar coisas, tipicamente valorizam mais a Realização e obtenção de influência e posses (Poder). Em contraste, aqueles que consideram um curto horizonte de tempo, como é exemplo os idosos, focam-se em preocupações emocionais e na promoção de um estado de bem-estar positivo no momento presente, ao mesmo tempo em que não enfatizam a Realização.

Os jovens adultos normalmente valorizam e priorizam a Autodireção, a Realização e a Estimulação (novas experiências), já que os seus objetivos passam por estabelecer relacionamentos íntimos bem-sucedidos, iniciar e manter uma família própria e obter sucesso no mundo do trabalho (Arnett, 2000; Robinson, 2013).

Para Arnett (2000) o final da adolescência e o início dos anos 20 não é apenas um breve período de transição para papéis adultos, mas um período distinto do curso da vida, caracterizado pela mudança e exploração de possíveis direções da vida. Desta forma, estes anos são tipicamente um período de frequentes mudanças e exploração. Para o autor, esta fase da vida distingue-se pela relativa independência dos papéis sociais e das expectativas normativas e é caracterizada pela exploração de uma variedade de possíveis direções de vida relativamente ao amor, trabalho e visões do mundo.

Desta forma, os adultos mais jovens estão tipicamente mais orientados para satisfazer os seus desejos e obter estimulação, no entanto, essa procura de estímulo e excitação diminui

com a idade, em parte devido a preocupações com outros problemas de vida, como é exemplo, criar filhos e manter uma carreira, e, em parte, devido à deterioração das habilidades sensoriais em adultos mais velhos (Gouveia et al., 2015).

Relativamente à fase adulta, os adultos de várias idades esperam perdas crescentes no desenvolvimento e ganhos decrescentes no funcionamento psicológico ao longo da idade adulta e, particularmente, na idade avançada (Heckhausen et al., 2010). De acordo com os autores, é esperado que esses ganhos e perdas em idades mais avançadas sejam menos controláveis e os adultos mais velhos percebam que as mudanças no desenvolvimento sejam menos controláveis.

Na meia-idade, o sujeito valoriza mais a família e os filhos, e por volta dos 40 anos até à meia idade, o sujeito dá mais atenção ao outro (Erikson, 1980). Por volta dos 50 anos, os sujeitos normalmente valorizam a manutenção e a preservação das instituições culturais existentes mais do que no início das suas vidas, e muitas vezes assumem um papel que envolve preocupações conservadoras (Robinson, 2013). Os adultos na meia-idade evitam objetivos relacionados com a carreira quando os principais ganhos nesse domínio não são mais alcançáveis e focam-se mais em objetivos relacionados com a saúde quando as perdas nesse domínio se tornam uma ameaça urgente à sua capacidade de controlo (Heckhausen et al., 2010).

Na velhice, mais do que nos anos anteriores das suas vidas, os sujeitos entram numa fase que envolve maior retrospeção e reflexão sobre a vida, e procuram significados relativamente ao seu passado e ao seu presente (Robinson, 2013). Segundo o autor, os valores, nesta idade mais avançada, focam-se cada vez mais na importância do passado e nas tradições que ligam o presente ao passado, sendo que os sujeitos passam mais tempo a tentar conservar as competências que já possuem, em vez de desenvolverem novas. Assim, os idosos investem mais tempo na regulação (gestão) da perda, e menos recursos permanecem disponíveis para serem alocados ao crescimento pessoal (Gouveia et al., 2015).

Em geral, os objetivos que visam ganhos de desenvolvimento são mais comuns entre os jovens adultos, enquanto que os adultos mais velhos relatam cada vez mais objetivos relacionados com a prevenção de perdas (Heckhausen et al., 2010).

Assim, o estudo de Robinson (2013) aponta para diferenças nos valores tendo em conta a idade do sujeito:

- Valores de Conservação (Conformidade, Tradição e Segurança) evidenciam uma relação positiva com a idade, enquanto que valores de Autopromoção (Realização e Poder) e valores de Abertura à Mudança (Autodireção, Hedonismo e Estimulação) possuem uma relação negativa com a idade.
- Valores de Autotranscendência (Universalismo e Benevolência) evidenciam uma relação positiva com a idade.
- De todos os valores, o valor da Tradição evidencia uma relação positiva mais forte com a idade adulta.
- O valor de Estimulação evidencia uma relação negativa mais forte com a idade.

Segundo Heckhausen et al. (2010), os desafios que os sujeitos enfrentam à medida que se desenvolvem visam selecionar, adaptar e procurar objetivos pessoais e de desenvolvimento para que possam refletir sobre as mudanças que ocorrem e as oportunidades que surgem ao longo das suas vidas. Desta forma, os autores afirmam que a capacidade adaptativa dos sujeitos depende das suas habilidades autorregulatórias motivacionais que envolvem a antecipação de oportunidades emergentes para a procura de objetivos, a ativação de estratégias comportamentais e motivacionais para o compromisso com determinados objetivos, o não compromisso com objetivos que se tornem fúteis e/ou muito dispendiosos, e substituição desses objetivos por outros mais viáveis e oportunos.

1.3. Avaliação dos Valores

Para medir os 10 valores originais, Schwartz desenvolveu o *Schwartz Value Survey* (SVS) e as versões de 40 e 21 itens do *Portrait Values Questionnair* (PVQ) (Cieciuch et al., 2014; Sandy et al., 2016).

Posteriormente, foram desenvolvidos instrumentos breves e ultrabreves para a medição dos 10 valores básicos humanos de Schwartz que eram medidos pelo *Portrait Values Questionnair* (PVQ) de 40 itens. Desta forma, através da utilização de procedimentos psicométricos rigorosos foram desenvolvidos instrumentos de medição de valores de 20 e de 10 itens (*Brief and ultrabrief measures*), que provaram obter resultados igualmente satisfatórios comparativamente ao PVQ original. Estes instrumentos tornam-se úteis para os investigadores que pretendem utilizar um instrumento de medição de valores mas que não têm possibilidades de administrar um instrumento extenso. Neste sentido, já foram identificados contextos onde os instrumentos mais breves são mais vantajosos, nomeadamente em estudos longitudinais, estudos de avaliação da personalidade, estudos em larga escala através da internet e na pré-seleção de sujeitos. Desta forma, estes instrumentos permitem que sejam realizadas comparações diretas entre eles. O instrumento "ultrabreve" é um subconjunto do instrumento "breve", sendo este um subconjunto do PVQ-40. O PVQ-40 apresenta descrições de pessoas que defendem determinados valores, ou seja, apresenta aos inquiridos breves retratos, correspondentes ao seu género, que estes têm de classificar, numa escala tipo Likert de 6 pontos, o quanto a pessoa descrita no retrato se parece consigo (Sandy et al., 2016).

O Inventário de Valores de Vinte Itens (*Twenty Item Value Inventory* [TwIVI]) superou o PVQ-21, um instrumento de medição de valores mais breve que deriva do PVQ-40, em quase todas as áreas de avaliação psicométrica e, como já esperado pelos autores, superou o Inventário de Valores de Dez Itens (*Ten Item Value Inventory* [TIVI]). No entanto, ambos os novos inventários atendem a um padrão satisfatório de confiabilidade e validade. Os autores

recomendam, porém, o uso do TwIVI em alternativa ao TIVI, já que o TwIVI tem propriedades psicométricas ligeiramente superiores, capta com mais sucesso as relações previstas entre os valores e as variáveis externas, é melhor do que o TIVI para duplicar a hierarquia de valores do PVQ-40, os dois itens em cada escala permitem que os investigadores realizem verificações rudimentares de respostas aleatórias e classificação de perturbações, e calculem índices de consistência interna. O TwIVI oferece, por isso, maior validade de conteúdo devido à existência dos dois itens que medem cada dimensão em vez de um, como no TIVI, que apesar disto, continua a ser a opção mais viável para investigadores com menos disponibilidade temporal e para análise de questionários, uma vez que mesmo com menor consistência interna, o TIVI mantém igualmente uma alta confiabilidade teste-reteste como o TwIVI (Sandy et al., 2016).

Recentemente, Schwartz e colaboradores (2012) propuseram uma teoria de valores na qual se podiam distinguir 19 valores humanos, onde alguns desses valores resultavam de uma divisão mais precisa dos 10 valores anteriores mencionados pelo autor, e em que outros seriam valores recentemente discriminados que estariam situados entre dois valores gerais do contínuo motivacional circular. Assim, a Segurança foi dividida em dois, nomeadamente, o valor Segurança Pessoal e o valor Segurança Social. Foram, ainda, acrescentados dois novos valores, nomeadamente o valor Face localizado entre a Segurança e o Poder, e o valor Humildade localizado entre a Conformidade e a Benevolência. Segundo estudos realizados pelo autor, estes 19 valores possuíam um maior poder preditivo e explicativo do que os 10 valores básicos originais.

Desta forma, a teoria refinada oferece aos investigadores a possibilidade de trabalharem com um conjunto de valores tão grande ou tão pequeno quanto seja apropriado ao seu propósito, podendo optar por trabalhar com todos os 19 valores ou combinar valores e trabalhar com os 10 originais (Schwartz et al., 2012).

O primeiro instrumento para medir os 19 valores usa o formato PVQ e contém 57 itens, sendo denominado de PVQ-5X, para a quinta versão experimental. Nenhum estudo examinou as propriedades de invariância de medição da nova escala para medir 19 valores, pelo que a invariância de medida do instrumento que mede os 19 valores permanece desconhecida (Cieciuch et al., 2014).

Este estudo irá ter como base os 10 valores básicos de Schwartz que serão medidos através do Inventário de Valores de Vinte Itens.

1.4. Objetivos e hipóteses

Com o presente estudo pretendemos investigar a associação entre os valores (Schwartz, 1992), em adultos saudáveis da comunidade, e as suas características sociodemográficas.

O presente estudo pretende responder à seguinte questão geral de investigação "Será que há diferenças ao nível dos valores tendo em conta as características sociodemográficas dos sujeitos adultos?". Desta forma, é, ainda, possível formular questões de investigação mais específicas: "Será que há diferenças ao nível dos valores tendo em conta a idade?", "Será que há diferenças ao nível dos valores tendo em conta o sexo?", "Será que há diferenças ao nível dos valores tendo em conta o estado civil?", "Será que há diferenças ao nível dos valores tendo em conta as habilitações literárias?" e "Será que há diferenças ao nível dos valores tendo em conta a profissão-estado?".

Assim, podem ser formuladas algumas hipóteses de estudo relativamente, tendo em conta as questões anteriores:

H0 – Não há diferenças ao nível dos valores em função da idade.

H1 – Há diferenças ao nível dos valores em função da idade.

H2 – Há diferenças ao nível dos valores em função do sexo.

H3 – Há diferenças ao nível dos valores em função do estado civil.

H4 – Há diferenças ao nível dos valores em função das habilitações literárias.

H5 – Há diferenças ao nível dos valores em função da profissão-estado.

2. Metodologia

Segundo a tipologia de Montero e Léon (2007) podemos considerar que o presente estudo é do tipo *Ex Post Facto* Restrospetivo, cujo objetivo principal é a avaliação da relação entre as variáveis (Martins, 2011).

Foram utilizados Testes de Diferenças em Contexto de *Design* Inter-sujeitos (para amostras independentes), uma vez que se pretende estabelecer relações entre as variáveis, quantificando inclusive estas mesmas relações.

2.1. Participantes/amostra

Neste estudo participaram 725 indivíduos da comunidade, de ambos os sexos (32.4% do sexo masculino e 67.6% do sexo feminino), com idade compreendida entre 18 e 88 anos (*M*=32.95; *DP*=15.82) (Tabela 2).

Esta será, por isso, uma amostra não probabilística, de conveniência, devido ao impedimento de inclusão de todos os indivíduos, de forma aleatória (Ribeiro, 2010). Desta forma, apenas os sujeitos com idades compreendidas entre os 18 e 88 anos vão constituir o grupo de estudo.

Como critérios de inclusão para o presente estudo destacam-se a idade dos indivíduos (idade igual ou superior a 18 anos).

Para efeitos de análise, os participantes foram divididos em três grupos consoante a faixa etária (United Nations, 2004) a que pertenciam: os jovens, com idades compreendidas

entre os 18 e os 24 anos (48.5%), os adultos, com idades compreendidas entre os 25 e os 59 anos (44,3%) e os idosos, com idades superiores a 60 anos (7,2%) (Tabela 2).

A amostra é constituída por participantes solteiros (57.3%), em união de facto (5.8%), casados (31.5%), divorciados (3.9%) e viúvos (1.6%) (Tabela 2).

Os participantes possuem, como habilitações literárias, o ensino básico (16.7%), o ensino secundário (56.8%) e o ensino superior (26,6%) (Tabela 2).

Os participantes são estudantes (43.6%), empregados (38.9%), desempregados (3.9%), reformados (8.3%) e trabalhadores-estudantes (5.3%) (Tabela 2).

Tabela 2. *Caracterização dos participantes*

Variáveis Sociodemográficas	**N**	**%**
Idade		
Jovens	351	48.5
Adultos	321	44.3
Idosos	52	7.2
Sexo		
Masculino	234	32.4
Feminino	489	67.6
Estado Civil		
Solteiro	406	7.3
União de Facto	41	5.8
Casado	223	31.5
Divorciado	28	3.9
Viúvo	11	1.6
Habilitações Literárias		
Ensino Básico	118	16.7
Ensino Secundário	402	56.8
Ensino Superior	188	26.6
Profissão-estado		
Estudante	304	43.6
Empregado	271	38.9
Desempregado	27	3.9
Reformado	58	8.3
Trabalhador-estudante	37	5.3

*Na tabela representada não constam os dados omissos

Tabela 3. *Distribuição dos participantes pelos grupos tendo em conta o estado civil*

	Grupos		
	A	**B**	**C**
Estado Civil			
Solteiro	336	70	0
União de Facto	0	41	0
Casado	0	180	42
Divorciado	0	26	2
Viúvo	0	4	7
Profissão-estado			
Estudante	289	15	0
Empregado	20	242	9
Desempregado	4	21	2
Reformado	1	15	41
Trabalhador-estudante	24	13	0
Habilitações Literárias			
Ensino Básico	1	92	24
Ensino Secundário	273	122	7
Ensino Superior	65	105	18

Nota: A: Jovens; B: Adultos; C: Idosos.
*Na tabela representada não constam os dados omissos

2.2. Instrumentos

Com o objetivo de avaliar os valores dos participantes, nomeadamente os 10 valores básicos de Schwartz, foi administrado o Inventário de Valores de Vinte Itens (IVVI; Sandy, et al., 2016) da bateria *Brief and Ultrabrief Measures of Values*. Este questionário é constituído por 20 itens, que descrevem "retratos" de indivíduos. As respostas são dadas segundo uma escala de *Likert* de 6 pontos (1-Nada Parecida; 2-Não Parecida; 3-Pouco Parecida; 4-Algo Parecida; 5-Parecida; 6-Muito Parecida), em que o inquirido deve pontuar o quão semelhante ou diferente ele é face ao sujeito que é retratado. O questionário é composto por 10 dimensões: Conformidade (item 1 e 11); Tadição (item 2 e 12); Benevolência (item 3 e 13); Universalismo (item 4 e 14); Autodireção (item 5 e 15); Estimulação (item 6 e 16); Hedonismo (item 7 e 17); Realização (item 8 e 18); Poder (item 9 e 19) e Segurança (item 10 e 20). Possui, assim, evidências de uma elevada validade de conteúdo devido à existência dos dois itens que medem cada dimensão, assim como uma alta confiabilidade teste-reteste. Não há itens invertidos e a pontuação de cada dimensão é obtida segundo a média dos dois itens que a avaliam.

A validação deste instrumento para a população portuguesa foi realizada por Moreira e Cunha (em preparação). Pontuações mais altas revelam que o sujeito se identifica mais fortemente com o valor associado à questão respondida. Em oposição, pontuações mais baixas revelam uma menor identificação do sujeito com o valor associado à questão respondida.

2.3. Procedimentos

2.3.1. procedimentos de recolha de dados.

A recolha de dados ocorreu entre novembro de 2018 e janeiro de 2019.

O método de recolha foi Bola de Neve. Desta forma, a recolha foi realizada junto dos alunos de Psicologia (1º, 2º, 3º ano de licenciatura e 1º e 2º ano de mestrado) da Universidade Lusíada – Norte (Porto) e solicitado, aos mesmos, que levassem cerca de 10 envelopes que continham um conjunto de questionários para entregarem a membros da sua família, amigos ou conhecidos, para que estes os preenchessem.

Cada envelope, que continha o consentimento informado agrafado aos questionários, incluía, entre outros, o questionário sociodemográfico criado para o estudo em questão e o Inventário de Valores de Vinte Itens Itens (IVVI; Sandy, et al., 2016; Moreira & Cunha, em preparação).

Foi pedida autorização às entidades competentes [Universidade Lusíada – Norte (Porto)] e aos sujeitos em questão, para a recolha de dados na amostra de sujeitos que se disponibilizaram para a participação nesta investigação.

A recolha de dados foi feita pessoal e individualmente. Foi devidamente mencionado e explicado o caráter voluntário da pesquisa, através da divulgação do consentimento informado de forma individual.

A recolha efetuada teve em conta todos os pressupostos éticos que subjazem à investigação na área da Psicologia Clínica e foi pautada pelo respeito, salvaguardando a integridade física e psicológica dos participantes deste estudo.

2.3.2. procedimentos de análise de dados.

Inicialmente, foi criada uma base de dados utilizando para o efeito do *sofware* de análise estatística SPSS (IBM SPSS *Statistics*) versão 23 para o Windows.

Para que se pudesse proceder à análise dos dados, foi conduzido um estudo exploratório quantitativo. A estatística descritiva foi utilizada para caracterizar a amostra. Este tipo de estatística permite-nos descrever os dados, de forma sumária (Martins, 2011). Desta forma, foi utilizada a análise das medidas de tendência central, especificamente a média. Seguidamente, recorreu-se à estatística inferencial, que nos permite retirar conclusões acerca da população-alvo, com base nos resultados obtidos na amostra (Martins, 2011). De modo a analisar a existência de diferenças entre a variável "valores" e a variável "sexo" foi conduzido um Teste de Diferenças em Contexto de *Design* Inter-sujeitos, para amostras independentes, de forma a averiguar se as médias da variável dependente nos dois grupos em comparação diferem significativamente uma da outra (Martins, 2011).

Posteriormente, de forma a analisar a existência de diferenças entre as variáveis "sexo", "idade", "estado civil", "habilitações literárias" e "profissão" ao nível dos valores foram conduzidos Testes de Diferenças para *Designs* Inter-sujeitos, nomeadamente a Análise de Variância (ANOVA) Unifatorial, que tendo em conta Martins (2011), nos permite comparar três ou mais grupos ao nível de uma variável dependente intervalar (valores). Recorreu-se, também, aos Testes *Post Hoc*, no sentido de identificar onde estão as diferenças (Martins, 2011), tendo sido, para o efeito analisado o Teste de *Bonferroni*.

3. Resultados

Segue-se a apresentação dos resultados obtidos no presente estudo.

H1: Há diferenças ao nível dos valores em função da idade.

Através da análise da ANOVA Unifatorial (Tabela 4), verificamos que os valores Tradição (*p*=.000), Benevolência (*p*=.021), Autodireção (*p*=.011), Estimulação (*p*=.000), Hedonismo (*p*=.000), Realização (*p*=.000) e Poder (*p*=.000), possuem diferenças estatisticamente significativas tendo em conta a idade do participante.

Tabela 4. *Média e Desvio-Padrão das diferentes faixas etárias para os valores com os resultados da ANOVA Unifatorial*

Valor	**A (*n*=351)**		**B (*n*=321)**		**C (*n*=52)**		**F**	**Sig.**	
	M	**DP**	**M**	**DP**	**M**	**DP**			
Tradição	3.22	1.17	3.53	1.12	4.21	1.18	19.039	.000	C>B>A
Benevolência	4.95	.81	4.83	.80	4.66	.83	2.527	.021	A>C
Autodireção	4.82	.79	4.74	.79	4.46	.86	2.875	.011	A>C
Estimulação	4.08	1.13	3.51	1.10	3.12	1.02	31.156	.000	A>B/C
Hedonismo	4.87	.92	4.27	1.03	3.83	1.07	45.195	.000	A>B>C
Realização	4.69	.98	4.00	1.07	3.58	1.09	52.221	.000	A>B>C
Poder	3.40	1.19	3.07	1.14	2.96	1.20	8.056	.000	A>B>C

Nota: A: Jovens; B: Adultos; C: Idosos.

Analisando o Teste *Post Hoc*, recorrendo à análise do Teste *Bonferroni* (Tabela 5), verificamos que para o valor Tradição, há diferenças entre os jovens e os adultos (*p*=.001), entre os jovens e os idosos (*p*=.000) e entre os adultos e os idosos (*p*=.000). Recorrendo à análise das médias (Tabela 3), verificamos que os idosos (*M*=4.21) valorizam mais a Tradição, seguindo-se os adultos (*M*=3.53) e, por fim, os jovens (*M*=3.22).

Relativamente ao valor Benevolência, verifica-se que há diferenças entre os jovens e os idosos (*p*=.046), estando este valor mais presente nos jovens (*M*=4.95) comparativamente aos idosos (*M*=4.66). Não há diferenças entre os adultos comparativamente a outro(s) grupo(s).

Do mesmo modo, em relação valor Autodireção, verifica-se que há diferenças entre os jovens e os idosos (*p*=.009), estando este valor mais presente nos jovens (*M*=4.81)

comparativamente aos idosos (*M*=4.46). Não há diferenças entre os adultos comparativamente a outro(s) grupo(s).

No que diz respeito ao valor Estimulação, verifica-se que há diferenças entre os jovens e os adultos (*p*=.000) e entre os jovens e os idosos (*p*=.000). Verifica-se que os jovens (*M*= 4.08) valorizam mais a Estimulação do que os adultos (*M*=3.51) e do que os idosos (*M*=3.12).

Relativamente ao valor Hedonismo, verifica-se que existe diferenças entre os jovens e os adultos (*p*=.000), entre os jovens e os idosos (*p*=.000) e entre os adultos e os idosos (*p*=.008), estando este valor mais presente nos jovens (*M*=4.87), seguindo-se os adultos (*M*=4.27) e, por fim, os idosos (*M*=3.83).

Do mesmo modo, em relação ao valor Realização, verifica-se que existem diferenças entre os jovens e os adultos (*p*=.000), entre os jovens e os idosos (*p*=.000) e entre os adultos e os idosos (*p*=.020), estando este valor mais presente nos jovens (*M*=4.67), seguindo-se os adultos (*M*=4.00) e, por fim, os idosos (*M*=3.58).

No que concerne ao valor Poder, verifica-se que existem diferenças entre os jovens e os adultos (*p*=.001) e entre os jovens e os idosos (*p*=.037), estando este valor mais presente nos jovens (*M*=3.40), seguindo-se os adultos (*M*=3.07) e, por fim, os idosos (*M*=2.96).

Tabela 5. *Resultados do Teste Bonferroni entre valores e idade*

Valor	**Grupos**		**Sig.**
Tradição	A	B	.001**
		C	.000**
	B	A	.001**
		C	.000**
	C	A	.000**
		B	.000**
Benevolência	A	B	.161
		C	.046*

Tabela 5. *Resultados do Teste Bonferroni entre valores e idade* (Continuação)

Valor	**Grupos**		**Sig.**
	B	A	.161
		C	.473
	C	A	.046*
		B	.473
Autodireção	A	B	.636
		C	.009**
	B	A	.636
		C	.065
	C	A	. 009**
		B	.065
Estimulação	A	B	.000**
		C	.000**
	B	A	.000**
		C	.055
	C	A	.000
		B	.055
Hedonismo	A	B	.000**
		C	.000**
	B	A	.000**
		C	.008**
	C	A	.000**
		B	.000**
Realização	A	B	.000**
		C	.000**
	B	A	.000**
		C	.020*
	C	A	.000**
		B	.020*
Poder	A	B	.001**
		C	.037*
	B	A	.001**
		C	1.000
	C	A	.037*
		B	1.000

Nota: A: Jovens; B: Adultos; C: Idosos.
* p<0,05; **p<0,01

Os valores Conformidade, Universalismo e Segurança não possuem diferenças tendo em conta o sexo do participante.

Tendo em conta os resultados obtidos, depreende-se que os valores possuem diferenças tendo em conta a idade do sujeito, o que nos permite rejeitar a H0 e aceitar a H1.

H2: Há diferenças ao nível dos valores em função do sexo.

Através da análise do nível de significância do Teste-T para amostras independentes (Tabela 6), verificamos que os valores Conformidade (*p*=.003), Benevolência (*p*=.000), Universalismo (*p*=.000), Poder (*p*=.000) e Segurança (*p*=.020) possuem diferenças estatisticamente significativas tendo em conta o sexo do participante.

Tabela 6. *Média e Desvio-Padrão do sexo masculino e do sexo feminino para os valores com os resultados do Teste-t*

Valor	**Masculino (*n*=234)**		**Feminino (*n*=489)**		**t**	***p***
	M	**DP**	**M**	**DP**		
Conformidade	4.70	.90	4.90	.83	-3,021	.003
Benevolência	4.62	.78	4.99	.79	-5,996	.000
Universalismo	4.89	.90	5.26	.71	-5,910	.000
Poder	3.56	1.08	3.06	1.20	5,389	.000
Segurança	4.55	.91	4.70	.84	-2,327	.020

Recorrendo à análise das médias (Tabela 6), verificamos que em relação o valor Conformidade se encontra mais presente no sexo feminino (*M*=4.90) comparativamente ao sexo masculino (*M*=4.70).

Tal como o anterior, o valor Benevolência encontra-se mais presente no sexo feminino (*M*=4.99) comparativamente ao sexo masculino (*M*=6.62).

Do mesmo modo, o valor Universalismo encontra-se mais presente no sexo feminino (*M*=5.26) comparativamente ao sexo masculino (*M*=4.89).

Contrariamente aos anteriores, o valor Poder encontra-se mais presente no sexo masculino (*M*=3.56) comparativamente ao sexo feminino (*M*=3.06).

Por fim, o valor Segurança encontra-se mais presente no sexo feminino (*M*=4.70) comparativamente ao sexo masculino (*M*=4.55).

Os valores Tradição, Autodireção, Estimulação, Hedonismo e Realização não possuem diferenças tendo em conta o sexo do participante.

Tendo em conta os resultados obtidos, depreende-se que os valores possuem diferenças tendo em conta o sexo do sujeito, o que nos permite rejeitar a H0 e aceitar a H2.

H3: Há diferenças ao nível dos valores em função do estado civil.

Recorrendo à análise da ANOVA Unifatorial (Tabela 7), verificamos que há diferenças estatisticamente significativas entre os valores Tradição (*p*=.000), Estimulação (*p*=.000), Hedonismo (*p*=.000), Realização (*p*=.000) e Segurança (*p*=.002).

Tabela 5. *Média e Desvio-Padrão dos diferentes estados-civis para os valores com os resultados da ANOVA Unifatorial*

Valor	A (*n*=406)		B (*n*=41)		C (*n*=223)		D (*n*=28)		E (*n*=11)		F	Sig.	
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP			
Tradição	3.18	1.16	3.19	1.08	3.93	1.08	3.27	1.08	3.67	1.35	13.544	.000	C>D>B>A
Estimulação	4.05	1.09	3.79	1.20	3.26	1.07	3.71	1.16	2.71	1.15	27.905	.000	A>B>C>E
Hedonismo	4.82	.90	4.46	1.15	4.03	1.05	4.45	.98	3.50	.24	22.014	.000	A>B>C>E
Realização	4.58	.99	4.04	1.14	3.85	1.05	3.94	1.00	3.66	1.13	21.511	.000	A>B>D>C>E
Segurança	4.55	.86	4.70	.95	4.80	.86	4.95	.55	4.29	.96	14.736	.002	C>A

Nota: A: Solteiros; B: União de Facto; C: Casados; D: Divorciados; E: Viúvos.

Analisando o Teste *Post Hoc*, recorrendo à análise do Teste *Bonferroni* (Tabela 8), verificamos que para o valor Tradição, há diferenças entre os solteiros e os casados (p=.000), entre os participantes em união de facto e os casados (p=.001) e entre os casados e os divorciados (p=.037).

Recorrendo à análise das médias (Tabela 7), verificamos que este valor se encontra mais presente nos casados (M=3.93), comparativamente aos restantes grupos, seguindo-se os divorciados (M=3.27), em união de facto (M=3.19) e, por fim, os solteiros (M=3.18). Não há diferenças entre os viúvos e nenhum dos restantes grupos.

Em relação ao valor Estimulação, verifica-se que existem diferenças entre os solteiros e os casados (p=.000), entre os solteiros e os viúvos (p=.001), entre os participantes em união de facto e os casados (p=.049) e entre os participantes em união de facto e os viúvos (p=.037). O valor Estimulação encontra-se mais presente nos solteiros (M=4.05), seguindo-se os participantes em união de facto (M=3.79), os casados (M=3.26) e os viúvos (M=2.71). Não há diferenças entre os divorciados e nenhum dos restantes grupos.

Relativamente ao valor Hedonismo, verifica-se que há diferenças entre os solteiros e s casados (p=.000), entre os solteiros e os viúvos (p=.000) e entre os participantes em união de facto e os viúvos (p=.035), estando este valor mais presente nos solteiros (M=4.82), seguindo-se os participantes em união de facto (M=4.46), os casados (M=4.03) e os viúvos (M=3.50). Não há diferenças entre os divorciados e nenhum dos restantes grupos.

Em relação ao valor Realização, verifica-se que há diferenças entre os solteiros e os restantes grupos, nomeadamente entre os solteiros e os participantes em união de facto (p=.013), os solteiros e os casados (p=.000), os solteiros e os divorciados (p=.013) e entre os solteiros e os viúvos (p=.033). Verifica-se, assim, que o valor Realização se encontra mais presente nos solteiros (M=4.58), comparativamente aos restantes grupos, seguindo-se os

participantes em união de facto (*M*=4.04), os divorciados (*M*=3.94), os casados (*M*=3.85) e, por fim, os viúvos (*M*=3.66).

No que diz respeito ao valor Segurança verifica-se que há diferenças entre o grupo dos solteiros e o grupo dos casados (*p*=.009), estando este valor mais presente nos casados (*M*=4.79) comparativamente aos solteiros (*M*=4.55). Não há diferenças entre os participantes em união de facto, os divorciados e os viúvos, comparativamente a outro(s) grupo(s).

Os valores Conformidade, Benevolência, Universalismo, Autodireção e Poder não possuem diferenças tendo em conta o estado civil do participante.

Tendo em conta os resultados obtidos, depreende-se que os valores possuem diferenças tendo em conta o estado civil do sujeito, o que nos permite rejeitar a H0 e aceitar a H3.

Tabela 6. *Resultados do Teste Bonferroni entre valores e estado civil*

Valor	**Estado Civil**		**Sig.**
Tradição	A	B	1.000
		C	.000**
		D	1.000
		E	1.000
	B	A	1.000
		C	.001**
		D	1.000
		E	1.000
	C	A	.000**
		B	.001**
		D	.037*
		E	1.000
	D	A	1.000
		B	1.000
		C	.037*
		E	1.000
	E	A	1.000
		B	1.000
		C	1.000
		D	1.000
Estimulação	A	B	1.000
		C	.000**
		D	1.000
		E	.001**

Tabela 8. *Resultados do Teste Bonferroni entre valores e estado civil (Continuação)*

Valor	**Estado Civil**		**Sig.**
	B	A	1.000
		C	.049*
		D	.432
		E	1.000
	C	A	.000
		B	.049*
		D	.432
		E	1.000
	D	A	1.000
		B	1.000
		C	.432
		E	.105
Estimulação	E	A	.001
		B	.037
		C	1.000
		D	.105
Hedonismo	A	B	.234
		C	.000**
		D	.465
		E	.000**
	B	A	.234
		C	.085
		D	1.000
		E	.035*
	C	A	.000**
		B	.085
		D	.317
		E	.774
	D	A	.465
		B	1.000
		C	.317
		E	.062
	E	A	.000**
		B	.035*
		C	.774
		D	.062
Realização	A	B	. 013*
		C	.000**
		D	.013*
		E	.033*
	B	A	.013*
		C	1.000
		D	1.000
		E	1.000
	C	A	.000**
		B	1.000

Tabela 8. *Resultados do Teste Bonferroni entre valores e estado civil (Continuação)*

Valor	Estado Civil		Sig.
		D	1.000
		E	1.000
	D	A	.013*
		B	1.000
		C	1.000
		E	1.000
	E	A	.033*
		B	1.000
		C	1.000
		D	1.000
Segurança	A	B	1.000
		C	.009**
		D	.172
		E	1.000
	B	A	1.000
		C	1.000
		D	1.000
		E	1.000
	C	A	.009**
		B	1.000
		D	1.000
		E	.570
	D	A	.172
		B	1.000
		C	1.000
		E	.292
	E	A	1.000
		B	1.000
		C	.570
		D	.292

Nota: A: Solteiros; B: União de Facto; C: Casados; D: Divorciados; E: Viúvos.
* p<0,05; **p<0,01

H4: Há diferenças ao nível dos valores em função das habilitações literárias.

Recorrendo à análise da ANOVA Unifatorial (Tabela), verificamos que há diferenças estatisticamente significativas entre os valores Tradição (*p*=.000), Autodireção (*p*=.003), Estimulação (*p*=.000), Hedonismo (*p*=.000), Realização (*p*=.000) e Poder (*p*=.007).

Tabela 7. *Média e Desvio-Padrão das diferentes habilitações literárias para os valores com os resultados da ANOVA Unifatorial*

Valor	A (*n*=118)		B (*n*=402)		C (*n*=188)		F	Sig.	
	M	DP	M	DP	M	DP			
Tradição	3.91	1.11	3.38	1.17	3.22	1.16	13.544	.000	A>B>C
Autodireção	4.54	.91	4.76	.80	4.86	.70	5.926	.003	C>B>A
Estimulação	3.22	1.16	3.97	1.12	3.61	1.12	27.905	.000	B>C>A
Hedonismo	4.00	1.14	4.69	.95	4.48	1.05	22.014	.000	B>C>A
Realização	3.84	1.14	4.44	1.05	4.24	1.00	21.511	.000	B>C>A
Poder	2.95	1.25	3.32	1.18	3.14	1.08	14.736	.000	B>A

Nota: A: Ensino Básico; B: Ensino Secundário; C: Ensino Superior.

Analisando o Teste *Post Hoc*, recorrendo à análise do Teste *Bonferroni* (Tabela 10), verificamos que para o valor Tradição, há diferenças entre o ensino básico e os restantes ensinos, nomeadamente entre o ensino básico e o ensino secundário (*p*=.000) e entre o ensino básico e o ensino superior (*p*=.000). Recorrendo à análise das médias (Tabela 9), percebemos que este valor está mais presente nos participantes que possuem o ensino básico (*M*=3.91), comparativamente aos restantes, seguindo-se os participantes com o ensino secundário (*M*=3.38) e, finalmente, os participantes com o ensino superior (*M*=3.22).

Relativamente ao valor Autodireção, verifica-se que existem diferenças entre o ensino básico e os restantes ensinos, nomeadamente entre o ensino básico e o ensino secundário (*p*=.026) e entre o ensino básico e o ensino superior (*p*=.002). Este valor está mais presente nos participantes que possuem o ensino superior (*M*=4.86), comparativamente aos restantes, seguindo-se os participantes com o ensino secundário (*M*=4.76) e, finalmente, os participantes com o ensino básico (*M*=4.54).

Em relação ao valor Estimulação, verifica-se que há diferenças entre todos os ensinos, nomeadamente entre o ensino básico e o ensino secundário (*p*=.000), entre o ensino básico e o

ensino superior (*p*=.010), e, ainda, entre o ensino secundário e o ensino superior (*p*=.001). Este valor está mais presente nos participantes que possuem o ensino secundário (*M*=3.97), seguindo-se os participantes com o ensino superior (*M*=3.61) e, finalmente, os participantes com o ensino básico (*M*=3.22).

No que diz respeito ao valor Hedonismo, verifica-se que há diferenças entre o ensino básico e os restantes ensinos, nomeadamente entre o ensino básico e o ensino secundário (*p*=.000) e entre o ensino básico e o ensino superior (*p*=.000). Este valor está mais presente nos participantes que possuem o ensino secundário (*M*=4.69), seguindo-se os participantes com o ensino superior (*M*=4.48) e, finalmente, os participantes com o ensino básico (*M*=4.00).

Em relação ao valor Realização, verifica-se que há diferenças entre o ensino básico e os restantes ensinos, nomeadamente entre o ensino básico e o ensino secundário (*p*=.000) e entre o ensino básico e o ensino superior (*p*=.004). Este valor está mais presente nos participantes que possuem o ensino secundário (*M*=4.44), seguindo-se os participantes com o ensino superior (*M*=4.24) e, finalmente, os participantes com o ensino básico (*M*=3.85).

Relativamente ao valor Poder, verifica-se que há diferenças entre o ensino básico e o ensino secundário (*p*=.008). Este valor está mais presente nos participantes que possuem o ensino secundário (*M*=3.32), comparativamente aos participantes com o ensino básico (*M*=2.95). Não há diferenças entre os participantes com o ensino superior comparativamente a outro(s) grupo(s).

Tabela 8. *Resultados do Teste Bonferroni entre habilitações literárias para os valores*

Valor	**Habilitações Literárias**		**Sig.**
Tradição	A	B	.000**
		C	.000**
	B	A	.000**
		C	.372
	C	A	.000**
		B	.372

Tabela 10. *Resultados do Teste Bonferroni entre habilitações literárias para os valores (Continuação)*

Valor	**Habilitações Literárias**		**Sig.**
Autodireção	A	B	.026*
		C	.002**
	B	A	. 026*
		C	.463
	C	A	.002**
		B	.463
Estimulação	A	B	.000**
		C	.010*
	B	A	.000**
		C	.001**
	C	A	.010*
		B	.001**
Hedonismo	A	B	. 000**
		C	.000**
	B	A	.000**
		C	.056
	C	A	.000**
		B	.056
Realização	A	B	.000**
		C	.004**
	B	A	.000**
		C	.099
			.004**
	C	A	.099
		B	
Poder	A	B	.008**
		C	.467
	B	A	.008**
		C	.279
	C	A	.467
		B	.279

Nota: A: Ensino Básico; B: Ensino Secundário; C: Ensino Superior.

* p<0,05; **p<0,01

Os valores Conformidade, Benevolência, Universalismo e Segurança não possuem diferenças tendo em conta as habilitações literárias do participante.

Tendo em conta os resultados obtidos, depreende-se que os valores possuem diferenças tendo em conta as habilitações literárias do sujeito, o que nos permite rejeitar a H0 e aceitar a H4.

H5: Há diferenças ao nível dos valores em função da profissão-estado.

Recorrendo à análise da ANOVA Unifatorial (Tabela 11), verificamos que há diferenças estatisticamente significativas entre os valores Tradição (*p*=.000), Benevolência (*p*=.010), Estimulação (*p*=.000), Hedonismo (*p*=.000), Realização (*p*=.000) e Poder (*p*=.002).

Tabela 9. *Média e Desvio-Padrão das diferentes profissões-estado para os valores com os resultados da ANOVA Unifatorial*

Valor	A (*n*=304)		B (*n*=271)		C (*n*=27)		D (*n*=58)		E (*n*=37)		F	Sig.	
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP			
Tradição	3.22	1.19	3.55	1.11	3.07	1.16	4.21	1.13	3.20	1.06	10.998	.000	D>B>A>E>C
Benevolência	4.96	.82	4.78	.79	4.87	.95	4.70	.79	5.13	.78	3.334	.010	A>B
Estimulação	4.04	1.13	3.46	1.11	3.85	1.12	3.20	1.11	4.38	.87	16.088	.000	E>A>B>D
Hedonismo	4.83	.92	4.22	1.04	4.62	.85	3.93	1.13	5.04	.98	21.566	.000	E>A>C>B>D
Realização	4.63	.99	4.00	1.07	3.91	.97	3.72	.94	4.73	.88	21.521	.000	E>A>B>C>D
Poder	3.39	1.21	3.09	1.15	2.72	.87	3.09	1.27	3.46	.93	4.240	.002	A>B>C

Nota: A: Estudantes; B: Empregados; C: Desempregados; D: Reformados; E: Trabalhadores-estudantes.

Analisando o Teste *Post Hoc*, recorrendo à análise do Teste *Bonferroni* (Tabela 12), verificamos que para o valor Tradição, há diferenças entre os estudantes e os empregados (*p*=.006), entre os estudantes e os reformados (*p*=.000), entre os empregados e os reformados (*p*=.001), entre os desempregados e os reformados (*p*=.000) e, por fim, entre os reformados e

os trabalhadores-estudantes (p=.000). Recorrendo à análise das médias (Tabela 10), verifica-se que este valor está mais presente nos reformados (M=4.21), seguindo-se os empregados (M=3.55), os estudantes (M=3.22), os trabalhadores-estudantes (M=3.20) e, finalmente, os desempregados (M=3.07).

Relativamente ao valor Benevolência, verifica-se que há diferenças entre os estudantes e os empregados (p=.083), encontrando-se este valor mais presente nos estudantes (M=4.96), comparativamente aos empregados (M=4.78). Não há diferenças entre os reformados, os desempregados e os trabalhadores-estudantes comparativamente a outro(s) grupo(s).

Em relação ao valor Estimulação, verifica-se que há diferenças entre os estudantes e os empregados (p=.000), entre os estudantes e os reformados (p=.000), entre os empregados e os trabalhadores-estudantes (p=.000) e entre os reformados e os trabalhadores-estudantes (p=.000). Este valor está mais presente nos trabalhadores-estudantes (M=4.38), seguindo-se os estudantes (M=4.04), os empregados (M=3.46) e, por fim, os reformados (M=3.20). Não há diferenças entre os desempregados comparativamente a outro(s) grupo(s).

No que diz respeito ao valor Hedonismo, verifica-se que há diferenças entre os estudantes e os empregados (p=.000), entre os estudantes e os reformados (p=.000), entre os empregados e os trabalhadores-estudantes (p=.000), entre os desempregados e os reformados (p=.027) e, por fim, entre os reformados e os trabalhadores-estudantes (p=.000). Este valor está mais presente nos trabalhadores-estudantes (M=5.04), seguindo-se os estudantes (M=4.83), os desempregados (M=4.62), os empregados (M=4.22) e, por fim, os reformados (M=3.93).

No que diz respeito ao valor Realização, verifica-se que há diferenças entre os estudantes e os empregados (p=.000), entre os estudantes e os desempregados (p=.004), entre os estudantes e os reformados (p=.000), entre os empregados e os trabalhadores-estudantes (p=.000), entre os desempregados e os trabalhadores-estudantes (p=.013) e, por fim, entre os reformados e os trabalhadores-estudantes (p=.000). Este valor está mais presente nos

trabalhadores-estudantes (*M*=4.73), seguindo-se os estudantes (*M*=4.63), os empregados (*M*=4.00), os desempregados (*M*=3.91) e, por fim, os reformados (*M*=3.72).

Relativamente ao valor Poder, verifica-se que há diferenças entre os estudantes e os empregados (*p*=.022) e entre os estudantes e os desempregados (*p*=.045), estando este valor mais presente nos estudantes (*M*=3.39), seguindo-se os empregados (*M*=3.09) e, por fim, os desempregados (*M*=2.72).

Tabela 10. *Resultados do Teste Bonferroni entre profissões-estado para valores*

Valor	**Profissão-estado**		**Sig.**
Tradição	A	B	.006**
		C	1.000
		D	.000**
		E	1.000
	B	A	.006**
		C	.369
		D	.001**
		E	.803
	C	A	1.000
		B	.369
		D	.000**
		E	1.000
	D	A	.000**
		B	.001**
		C	.000**
		E	.000**
	E	A	1.000
		B	.803
		C	1.000
		D	.000**
Benevolência	A	B	.083
		C	1.000
		D	.259
		E	1.000
	B	A	.083
		C	1.000
		D	1.000
		E	.144
	C	A	1.000
		B	1.000

Tabela 12. *Resultados do Teste Bonferroni entre profissões-estado para valores (Continuação)*

Valor	**Profissão-estado**		**Sig.**
		D	1.000
		E	1.000
	D	A	.259
		B	1.000
		C	1.000
		E	.122
	E	A	1.000
		B	.144
		C	1.000
		D	.122
Estimulação	A	B	.000**
		C	1.000
		D	.000**
		E	.762
	B	A	.000**
		C	.822
		D	1.000
		E	.000**
	C	A	1.000
		B	.822
		D	.123
		E	.617
	D	A	.000**
		B	1.000
		C	.123
		E	.000**
	E	A	.762
		B	.000**
		C	.617
		D	.000**
Hedonismo	A	B	.000**
		C	1.000
		D	.000**
		E	1.000
	B	A	.000**
		C	.406
		D	.478
		E	.000**
	C	A	1.000
		B	.406
		D	.027*
		E	.990
	D	A	.000**
		B	.478

Tabela 12. *Resultados do Teste Bonferroni entre profissões-estado para valores (Continuação)*

Valor	**Profissão-estado**		**Sig.**
		C	.027*
		E	.000
	E	A	1.000
		B	.000**
		C	.990
		D	.000**
Realização	A	B	.000**
		C	.004**
		D	.000**
		E	1.000
	B	A	.000**
		C	1.000
		D	.566
		E	.000**
	C	A	.004**
		B	1.000
		D	1.000
		E	.013*
	D	A	.000**
		B	.566
		C	1.000
		E	.000**
	E	A	1.000
		B	.000**
		C	.013*
		D	.000**
Poder	A	B	.022*
		C	.045*
		D	.730
		E	1.000
	B	A	.022*
		C	1.000
		D	1.000
		E	.718
	C	A	.045*
		B	1.000
		D	1.000
		E	.128
	D	A	.730
		B	1.000
		C	1.000
		E	1.000
	E	A	1.000

Tabela 12. *Resultados do Teste Bonferroni entre profissões-estado para valores (Continuação)*

Valor	Profissão-estado	Sig.
	B	718
	C	.128
	D	1.000

Nota: A: Estudantes; B: Empregados; C: Desempregados; D: Reformados; E: Trabalhadores-estudantes.
* p<0,05; **p<0,01

Tendo em conta os resultados obtidos, depreende-se que os valores possuem diferenças tendo em conta a profissão-estado do sujeito, o que nos permite rejeitar a H0 e aceitar a H5.

4. Discussão dos resultados

O objetivo deste estudo foi verificar se os valores de sujeitos adultos diferem tendo em conta as suas características sociodemográficas.

A discussão dos resultados será apresentada tendo em conta a ordem das hipóteses anteriormente formuladas.

H1: Há diferenças ao nível dos valores em função da idade.

Foi possível verificar que os valores Tradição, Benevolência, Autodireção, Estimulação, Hedonismo, Realização e Poder diferem tendo em conta a idade do participante.

Verifica-se que o valor Tradição se encontra mais presentes nos idosos, seguindo-se os adultos e, por fim, os jovens. Tendo em conta Erikson (1980), com o aumento da idade, surge um aumento contínuo dos valores de Conservação (que inclui o valor Tradição). Sendo o valor da Tradição referente ao respeito pela tradição e à aceitação de costumes (Schwartz, 2012; Schwartz, et al., 2000), é esperado que os adultos mais velhos sejam mais conservadores do que as faixas etárias mais jovens, uma vez que é nesta fase da vida o sujeito valoriza a

manutenção e a preservação da cultura, sendo a velhice associada a uma fase de vida mais retrospetiva, de maior reflexão sobre a vida (Robinson, 2013).

O valor Benevolência encontra-se mais presente nos jovens comparativamente aos idosos, contrariando os resultados de Robinson (2013) que sugere que os valores de Autotranscendência (Universalismo e Benevolência) evidenciam uma relação positiva com a idade. Estes resultados podem ser explicados por uma maior necessidade, por parte dos jovens comparativamente aos idosos, em pertencer a um grupo (e.g. social) e querer preservar a sua pertença nesse grupo. A maior necessidade de afiliação, associada ao valor de Benevolência, implica querer preservar e melhorar o bem-estar daqueles com quem está frequentemente em contacto (Schwartz, 2012; Schwartz, et al., 2000).

Do mesmo modo, em relação aos valores Autodireção, Estimulação e Hedonismo, estes são mais valorizados pelos jovens. Os jovens valorizam novas experiências e aventuras, procurando ser independentes e originais (Robinson, 2013). Assim, os adultos mais jovens estão tipicamente mais orientados para satisfazer os seus desejos e obter estimulação, no entanto, essa procura de estímulo e excitação diminui com a idade, em parte devido a preocupações com outros problemas de vida. (Gouveia, et al., 2015).

Os valores de Realização e Poder encontram-se mais presentes nos jovens, seguindo-se os adultos e, por fim, os idosos, corroborando os resultados encontrados por Robinson (2013), que revela que os valores de Autopromoção (Realização e Poder) possuem uma relação negativa com a idade. Os objetivos dos jovens adultos passam por estabelecer relacionamentos íntimos bem-sucedidos, iniciar e manter uma família própria e obter sucesso no mundo do trabalho. Estas motivações diminuem com a idade, quando os indivíduos atingem a estabilidade profissional (Gouveia, et al., 2015). Sendo assim, os idosos passam a investir mais tempo na regulação (gestão) da perda e menos no crescimento pessoal.

Remetendo para a Teoria do Desenvolvimento Humano de Erikson (1980), que modela as principais fases do envelhecimento adaptativo que é caracterizado por três estágios sequenciais, pelos quais todos os sujeitos adultos têm de passar, sabemos que para cada um destes estágios o sujeito deverá encontrar uma solução adaptativa que vá de encontro aos desafios que possam surgir. Desta forma, sugere-se que os valores mudam consoante o estágio da vida em que o sujeito se encontra (Gouveia, et al., 2015), já que é esperado do sujeito determinadas respostas para determinadas tarefas desenvolvimentais características desses estágios, ou seja, que também são esperadas que aconteçam nesses estágios. Assim, segundo o autor, as mudanças nos valores podem ocorrer em resposta à mudança de papeis e exigências ambientais associadas aos diferentes estágios da vida, como é exemplo o casamento, a viuvez e a criação dos filhos.

Ademais, segundo Bardi e colaboradores (2009) as alterações na importância que o sujeito atribui aos valores, também podem acontecer como resultado de mudanças biológicas (por exemplo, maturidade, perda de habilidades, deterioração dos sentidos).

Tendo em conta os resultados obtidos, depreende-se que os valores possuem diferenças tendo em conta a idade do sujeito, sendo a idade um fator modelador dos valores dos sujeitos.

Os valores de Benevolência, Autodireção, Hedonismo, Estimulação, Realização e Poder estão mais presentes nos jovens, enquanto que o valor de Tradição está mais presente nos idosos.

H2: Há diferenças ao nível dos valores em função do sexo.

Foi possível verificar que os valores Conformidade, Benevolência, Universalismo, Poder e Segurança possuem diferenças estatisticamente significativas tendo em conta o sexo do participante.

O valor Poder encontra-se mais presente no sexo masculino comparativamente ao sexo feminino, corroborando os resultados encontrados no estudo de Schwartz e Rubel (2005). Segundo os autores, os homens valorizam mais o Poder já que ocupam posições/cargos que lhes permitem desfrutar de maior poder e *status,* e experimentam mais oportunidades de exercer diretamente o poder, comparativamente às mulheres. De acordo com Prince-Gibson e Schwartz, (1998) os homens são mais incentivados pela sociedade a ganhar e a exercer poder, e recebem maiores oportunidades para fazê-lo.

Contrariamente, os valores de Conformidade, Segurança, Benevolência e Universalismo, encontram-se mais presentes no sexo feminino comparativamente ao sexo masculino. Segundo Schwartz e Rubel (2005), as mulheres atribuem mais importância aos valores de Autotranscendência (Universalismo, Benevolência), isto porque, contrariamente aos homens, demonstram maior preocupação com o bem-estar das outras pessoas próximas, tendo mais presente o valor de Benevolência, e enfatizam mais a compreensão, a apreciação, a tolerância, a proteção e o bem dos outros, valorizando mais o Universalismo. Segundo os autores, as mulheres valorizam mais a Segurança do que os homens pois possuem uma maior necessidade de proteção pessoal e dos seus filhos e, por isso, de estabilidade e harmonia. Também, de acordo com os autores, em muitas sociedades, o tamanho e *status* inferior das mulheres em relação aos homens e a sua maior dependência de apoio, tornam-nas mais vulneráveis do que estes, sendo maior a sua necessidade de segurança. Relativamente ao valor Conformidade, o *status* social inferior das mulheres, faz com que estas se tornem mais submissas do que os homens, levando inclusive um comportamento mais conformado da sua parte (Prince-Gibson e Schwartz, 1998).

Ademais, segundo Gomes e colaboradores (2007), espera-se das mulheres delicadeza, sensibilidade, passividade, subordinação e obediência, e, devido à sua condição biológica, é

esperado que engravide e amamente. Os autores afirmam que a sociedade também delegou à mulher o cuidado com o marido, o lar e os filhos.

Os papeis sociais são reforçados por culturas patriarcais reproduzidas na família (Gomes, et al., 2007). Deste modo, neste modelo de família, os papeis de género valorizam o homem em detrimento da mulher, legitimando, por um lado, a dominação do homem e por outro, a inferioridade da mulher.

Sugere-se, assim, que as diferenças encontradas entre ambos os sexos, possam ter origem nos papeis de género, que, segundo Steinke (1997) os sujeitos aprendem desde crianças. O autor afirma, ainda, que de acordo com os papeis de género, as crianças processam e organizam informações sobre si próprias, com base nas definições culturais de masculinidade e feminilidade. Assim, os sujeitos desenvolvem esquemas de género, que incluem crenças, atitudes e preferências relacionadas com esses esquemas, que influenciam as perceções dos sujeitos sobre o mundo.

Tendo em conta os resultados obtidos, depreende-se que os valores possuem diferenças tendo em conta o sexo do sujeito. Resumidamente os valores de Conformidade, Segurança, Benevolência e Universalismo, encontram-se mais presentes no sexo feminino, enquanto que o valor de Poder é mais valorizado pelo sexo masculino.

H3: Há diferenças ao nível dos valores em função do estado civil.

Verifica-se que há diferenças estatisticamente significativas entre os valores Tradição, Estimulação, Hedonismo, Realização e Segurança.

O valor Tradição encontra-se mais presente nos casados comparativamente aos restantes grupos, seguindo-se os divorciados, os sujeitos em união de facto e, por fim, os solteiros. Primeiramente, tendo em conta Robinson (2013), sabemos que o valor da Tradição está mais presente nos adultos mais velhos do que nos jovens. Partimos do pressuposto que a

maioria dos casados corresponde à faixa etária dos adultos. Segundo Schwartz (2012) e Schwartz e colaboradores (2000), a Tradição refere-se ao respeito, ao compromisso e à aceitação dos costumes e ideias que a cultura ou a religião oferecem. Desta forma, sendo o casamento um compromisso entre duas pessoas, cujo reconhecimento pode ser civil e/ou religioso, e que se constitui como um costume/tradição em várias culturas por todo o mundo, é esperado que os sujeitos casados valorizem mais a Tradição. Seguem-se os divorciados, que já se casaram, e os participantes em união de facto, que apesar de não estarem casados, estão comprometidos, vivendo numa situação análoga à dos participantes casados.

Em relação aos valores Estimulação e Hedonismo, verifica-se que estes valores estão mais presentes nos solteiros, seguindo-se os participantes em união de facto, os casados e os viúvos. Para explicar estes resultados partimos da associação entre a idade e o estado civil, sabendo que os solteiros são os participantes mais jovens, seguindo-se os participantes em união de facto e casados e, por fim, os viúvos. Sabemos que os jovens valorizam novas experiências e aventuras (Robinson, 2013) encontrando-se mais orientados para satisfazer os seus desejos e obter estimulação, enquanto que nos adultos mais velhos a procura de estímulo e excitação é menor (Gouveia, et al., 2015). Sabemos, ainda, que os valores possuem diferentes funções segundo diferentes estágios de desenvolvimento (Gouveia, et al., 2015). Desta forma, de acordo com os autores, em resposta à mudança de papéis e exigências ambientais associadas aos diferentes estágios da vida, como é exemplo o casamento, o nascimento e a criação de filhos, e a viuvez, os sujeitos podem valorizar diferentes valores. Assim, os solteiros por não se depararem com as exigências que, normalmente, surgem aquando do estabelecimento de um relacionamento amoroso com o outro e com a chegada dos filhos, encontram-se mais disponíveis para satisfazerem os seus desejos e procurarem estimulação (novidades, desafios).

Em relação ao valor Realização, verifica-se que este valor se encontra mais presente nos solteiros, comparativamente aos restantes grupos, seguindo-se os participantes em união

de facto, os divorciados, os casados e, por fim, os viúvos. Os solteiros por não se encontrarem numa relação e, por serem mais jovens do que os restantes grupos, possuem mais disponibilidade para a realização pessoal. Além do mais, possuem um horizonte de tempo mais longo do que os restantes grupos, considerando que têm muito tempo para alcançar o que lhes falta para se sentirem realizados (Erikson, 1980). Tendo em conta as várias fases da vida, os jovens, valorizam mais a Realização enquanto que os sujeitos mais velhos possuem outras preocupações, valorizando mais a família e os filhos, dando mais atenção ao outro e, mais tarde, valorizando mais a manutenção e a preservação das instituições culturais existentes, refletindo mais sobre a vida (Robinson, 2013). Segundo os autores, os restantes grupos já se encontram noutra fase desenvolvimental, quer porque decidiram habitar com o parceiro, quer porque se casaram, quer porque se divorciaram ou porque perderam o cônjuge, possuindo novas tarefas desenvolvimentais para responder, não valorizando tanto a Realização. Assim, os autores sugerem que quanto maior é o avanço da idade, maiores são as preocupações conservadoras e menor é a valorização de valores de Autopromoção.

Por fim, o valor Segurança está mais presente nos casados comparativamente aos solteiros. Assumindo que os casados são mais velhos do que os solteiros, é de esperar que valorizem mais os valores de Conservação, nomeadamente, a Segurança, do que os mais jovens (Erikson, 1980). Os casados possuem preocupações que os solteiros não têm, nomeadamente cuidar da família, possuindo, assim uma maior necessidade de estabilidade e harmonia e de proteção pessoal e dos seus filhos (Shwartz e Rubel, 2005), caso os hajam.

Tendo em conta os resultados obtidos, depreende-se que os valores possuem diferenças tendo em conta o estado civil do sujeito. Resumidamente os valores de Estimulação, Hedonismo e Realização estão mais presentes nos solteiros, enquanto os valores de Tradição e Segurança estão mais presentes nos casados.

H4: Há diferenças ao nível dos valores em função das habilitações literárias.

Verifica-se que há diferenças estatisticamente significativas entre os valores Tradição, Autodireção, Estimulação, Hedonismo, Realização e Poder.

Verifica-se que o valor Tradição está mais presente nos participantes que possuem o ensino básico, comparativamente aos restantes. Os resultados obtidos referem que a Tradição está mais presente nos participantes que possuem o ensino básico, que na sua maioria são adultos, seguindo-se os participantes com o ensino secundário, que na sua maioria são jovens e, finalmente, os participantes com o ensino superior que na sua maioria são adultos.

Para explicar estes resultados partimos do pressuposto que os participantes mais velhos são aqueles que possuem menos habilitações literárias (ensino básico) e os mais jovens são aqueles que possuem o ensino secundário.

O facto da Tradição ser mais valorizada pelos participantes que possuem o ensino básico, comparativamente aos participantes que possuem o ensino secundário, vai de encontro com a literatura, uma vez que sabemos que com o aumento da idade surge um aumento contínuo dos valores de Conservação (que inclui o valor Tradição) (Erikson) e, por isso, é esperado que os adultos mais velhos sejam mais conservadores (Robinson, 2013).

É sugerido que estes resultados possam, também, ser explicados pelo grande número de sujeitos jovens (idades compreendidas entre os 18 e os 25 anos) que participaram neste estudo, uma vez que a maioria dos participantes encontrava-se a frequentar a universidade, possuindo como habilitações literárias o ensino secundário e, alguns, o ensino superior (licenciatura ou mestrado) comparativamente ao número de sujeitos mais velhos.

O valor Autodireção está mais presente nos participantes que possuem o ensino superior, que na sua maioria são adultos, comparativamente aos restantes, seguindo-se os participantes com o ensino secundário, que na sua maioria são jovens e, finalmente, os

participantes com o ensino básico, que na sua maioria são adultos. Seria de esperar que a Autodireção estivesse mais presente nos jovens, ou seja nos participantes com o ensino secundário, pois segundo Robinson (2013) os jovens normalmente valorizam e priorizam a Autodireção, uma vez que os mais velhos possuem outras tarefas desenvolvimentais para responder, que implicam uma maior valorização da família e dos filhos, uma maior atenção ao outro, uma maior valorização da manutenção e da preservação da cultura e uma maior retrospeção e reflexão sobre a vida. No entanto, podemos interpretar estes resultados pensando que o sujeito que possui o ensino superior, por este ser o nível de escolaridade mais elevado, implicou, por parte deste, uma maior disponibilidade para agir, explorar e escolher. Uma vez que a Autodireção se refere ao pensamento e à ação como sendo independentes, estando relacionado com a escolha, criação e a exploração do sujeito, este indivíduo deve possuir um elevado nível de criatividade, devendo ser curioso, orientado para a liberdade e independente, e deve ousar escolher os seus próprios objetivos (Schwartz, 2012; Schwartz, et al., 2000). Assim, quem escolhe frequentar o ensino superior poderá manifestar uma maior curiosidade em aprender e uma maior vontade de explorar novos horizontes.

Em relação aos valores Estimulação, Hedonismo e Realização, verifica-se que está mais presente nos participantes que possuem o ensino secundário, que são maioritariamente jovens, comparativamente aos restantes grupos. Tal como a literatura evidencia, os jovens valorizam mais a Estimulação e a Realização do que os adultos mais velhos (Robinson, 2013), valorizando mais a excitação, a novidade e o desafio, o que lhes permite manter um nível de ativação ótimo e positivo, e valorizando, também, a procura pela realização pessoal e o reconhecimento social (Schwartz, 2012; Schwartz, et al., 2000). Os jovens necessitam de mais estímulo, arriscando e aventurando-se mais (Prince-Gibson & Schwartz, 1998), o que, de certa forma, serve para aumentar o *status* social (Shwartz & Rubel, 2005). Os jovens também valorizam mais o Hedonismo (Robinson, 2013), valorizando mais o prazer do que os adultos

mais velhos, uma vez que, de acordo com Gouveia e colaboradores (2015), os valores podem mudar de acordo com as circunstâncias de vida relacionadas com a idade e com o desenvolvimento psicossocial dos sujeitos.

Por fim, o Poder está mais presente nos participantes que possuem o ensino secundário, maioritariamente jovens, comparativamente aos participantes com o ensino básico, em que participantes são maioritariamente adultos. Como anteriormente mencionado, Robinson (2013) sugere que os valores de Autopromoção (Realização e Poder) possuem uma relação negativa com a idade, isto é, maior poder quanto menor a idade do sujeito. Tal sugere que os jovens procuram mais posições de alto poder e *status*, enfatizando a obtenção ou a preservação de uma posição dominante dentro da sociedade.

Tendo em conta os resultados obtidos, depreende-se que os valores possuem diferenças tendo em conta as habilitações literárias do sujeito. O valor de Tradição está mais presente nos participantes com o Ensino Básico, os valores de Estimulação, Hedonismo, Realização e Poder estão mais presentes nos participantes com o Ensino Secundários, e, por fim, o valor de Autodireção está mais presente nos participantes com o Ensino Superior.

H5: Há diferenças ao nível dos valores em função da profissão-estado.

Verificamos que há diferenças estatisticamente significativas entre os valores Tradição, Benevolência, Estimulação, Hedonismo, Realização e Poder.

Para o valor Tradição, verifica-se que este está mais presente nos reformados, seguindo-se os empregados, os estudantes, os trabalhadores-estudantes e, finalmente, os desempregados. Sabendo que os reformados são, na sua maioria idosos, os resultados encontrados corroboram a literatura que sugere que os adultos mais velhos valorizam mais valores de Conservação (que inclui o valor Tradição) (Robinson, 2013), valorizando mais o compromisso e a aceitação dos costumes e ideias que a cultura ou a religião oferecem. De seguida, encontram-se os

empregados, que na sua maioria são adultos, e posteriormente os estudantes e trabalhadores-estudantes, que na sua maioria são jovens. No entanto, os desempregados, que na sua maioria são adultos, aparecem como o grupo que menos valoriza a Tradição, contrariando a literatura, facto este que pode ser explicado pelo número reduzido de sujeitos desempregados que participaram neste estudo.

Relativamente ao valor Benevolência, verifica-se que este valor se encontra mais presente nos estudantes comparativamente aos empregados. Partindo do pressuposto que os estudantes são mais jovens do que os empregados, seria de esperar de acordo com Robinson (2013) que valorizassem menos a Benevolência do que os empregados (adultos mais velhos). No entanto, verificámos, anteriormente, pela aceitação da H1, que o valor de Benevolência se encontra mais presente nos jovens comparativamente aos idosos. Assim, estando a Benevolência relacionada com uma maior necessidade de afiliação, preservação e melhoramento do bem-estar daqueles com quem o sujeito está frequentemente em contacto (Schwartz, 2012; Schwartz, et al., 2000), estes resultados podem ser explicados por uma maior necessidade, por parte dos jovens, em pertencer a um grupo (e.g. social) e querer preservar a sua pertença nesse grupo, valorizando, desta forma, a Benevolência.

Em relação aos valores de Estimulação, Hedonismo, Realização e Poder, verifica-se que os três primeiros estão mais presentes nos trabalhadores-estudantes e o último nos estudantes. Sendo a maioria dos trabalhadores-estudantes e dos estudantes jovens a valorização estes valores é facilmente explicada pela literatura que sugere que os jovens normalmente valorizam e priorizam mais estes valores do que os adultos mais velhos, uma vez que à medida que o sujeito envelhece depara-se com uma mudança no equilíbrio dos seus ganhos e perdas relacionados com a idade, que trazem novas tarefas para cumprir, novos papeis para desempenhar e novos desafios para superar. (Robinson, 2013). Além do mais, relativamente as trabalhadores-estudantes, atentando no facto de que estes jovens possuem duas ocupações –

estudantes e trabalhadores – tal sugere que estes gostam de correr risco, valorizam mais novas experiências, gostam de aventuras, valorizam mais o reconhecimento social e o *status* e a satisfação do prazer (Schwartz, 2012; Schwartz, et al., 2000). Estes sujeitos, valorizam uma vida variada e excitante, valorizando mais a novidade e o desafio (Schwartz, 2012; Schwartz, et al., 2000).

Tendo em conta os resultados obtidos, depreende-se que os valores possuem diferenças tendo em conta a profissão-estado do sujeito. Resumidamente o valor de Tradição está mais presente nos reformados, os valores de Benevolência e Poder estão mais presente nos estudantes e os valores de Estimulação, Hedonismo e Realização estão mais presentes nos trabalhadores-estudantes.

4.1. Limitações do estudo

Considera-se fundamental elencar algumas limitações inevitáveis deste estudo. Apesar dos estudos de validação da versão portuguesa do Inventário de Valores de Vinte Itens (IVVI; Sandy, et al., 2016) da bateria *Brief and Ultrabrief Measures of Values* se encontrarem já realizados, ainda não estão publicados.

4.2. Implicações e futuras investigações

Este estudo teve como objetivo verificar se existem diferenças ao nível dos valores de sujeitos adultos em função das suas características sociodemográficas, tendo contribuído, por isso, para uma maior compreensão desta questão, uma vez que, também, não foram encontrados estudos na população portuguesa e os estudos existentes noutras populações são escassos e não têm em conta algumas características sociodemográficas abordadas no presente estudo.

No entanto, sendo este um estudo transversal, a sua compreensão é limitada, pelo que se sugere que sejam realizados estudos longitudinais, para que haja uma melhor compreensão

de como estes construtos diferem ao longo do tempo, consoante o avanço da idade dos participantes.

É, também, importante que futuros estudos tenham em conta as características particulares da sociedade onde a amostra foi recolhida, nomeadamente as características socioeconómicas, políticas, religiosas, entre outras, que poderão influenciar os valores do sujeito e, posteriormente, possibilitar uma melhor compreensão da valorização de certos valores em detrimento de outros.

De igual modo, futuros estudos poderão debruçar-se de forma mais pormenorizada sobre as relações causais entre as características sociodemográficas dos sujeitos, cujo objetivo será perceber se uma variável produz alterações na outra e qual a direção destas alterações.

Pode revelar-se ainda fundamental, em futuras investigações, ter em conta mais dimensões do sujeito, como é exemplo a personalidade, as virtudes e o humor, cujo objetivo será perceber se estes construtos influenciam a presença de determinados valores nos sujeitos.

Outros estudos posteriores poderão, também, integrar outros domínios de pesquisa como a Neurociência para que seja possível aceder a dimensões mais biológicas do sujeito, com a finalidade de obter uma melhor compreensão do mesmo, já que os valores, são construções psicológicas que representam processos complexos que ocorrem dentro do cérebro. Será, desta forma, fundamental uma melhor compreensão destes processos a nível neurológico para que possamos compreender de que forma estes influenciam o comportamento humano ao longo do tempo e de que forma são influenciados pela genética do sujeito, pelo seu desenvolvimento enquanto pessoa e pelo ambiente que o rodeia.

4.3. Conclusão

Apesar de nem todos os valores apresentarem diferenças tendo em conta as características sociodemográficas dos participantes, pode-se concluir que, de facto, os valores

diferem consoante a idade, o sexo, o estado civil, a profissão-estado e as habilitações literárias do sujeito, o que sugere que estas características influenciam os valores. Sumariamente, valores de Abertura à Mudança encontram-se mais presentes nos jovens, nos solteiros, nos trabalhadores-estudantes e nos sujeitos que possuem o ensino superior; os valores de Autotranscendência são mais valorizados pelos jovens, pelas mulheres e pelos estudantes; os valores de Autopromoção estão mais presentes nos jovens, nos homens, nos solteiros, nos trabalhadores-estudantes e nos sujeitos que possuem o ensino secundário; por fim, os valores de Conservação encontram-se mais presentes nos idosos, nas mulheres, nos casados, nos reformados e nos sujeitos que possuem o ensino básico.

Os resultados encontrados podem, em parte, ser explicados tendo por base os papeis sociais. É sugerido que os papeis que cada individuo possui na sociedade podem influenciar os seus valores, uma vez que se referem ao que é esperado de si na sociedade, tendo em conta as suas características, como é exemplo o sexo e a idade.

Estudos transversais como este são importantes, contudo limitados, sendo sugerida a realização de estudos longitudinais e que incluam mais dimensões do sujeito e outras características particulares da sociedade onde este se insere. No entanto, este estudo constitui-se como uma base teórica para estudos futuros. Este é um dos primeiros estudos que demonstra como os valores diferem tendo em conta as características sociodemográficas de adultos na população portuguesa.

Referências

Allport, G. W. (1937). Personality: a psychological interpretation. Oxford, England: Holt.

American Psychological Association [APA]. (2007). APA dictionary of psychology Washington DC, United States: American Psychological Association.

Arnett, J. J. (2000). Emerging adulthood: A theory of development from the late teens through the twenties. *American Psychologist, 55*(5), 469-480. doi:10.1037/0003-066X.55.5.469

Baltes, P. B. (1987). Theoretical propositions of life-span developmental psychology: on the dynamics between growth and decline. *Developmental Psychology, 23*, 611–626. doi: 10.1037/0012-1649.23.5.611

Bardi, A., Lee, J. A., Hofmann-Towfigh, N., Soutar, G. (2009). The Structure of Intraindividual Value Change. *Journal of Personality and Social Psychology, 97*(5), 913-929. doi: 10.1037/a0016617 0.1037/a0016617

Betzig, L. (1986). *Despotism and differential reproduction: A Darwinian view of history.* Hawthorne, NY: de Gruyter.

Beutel, A. M., & Marini, M. M. (1995). Gender and values. *American Sociological Review, 60,* 436–448. doi: 10.2307/2096423.

Bilsky, W., & Schwartz, S. (1994). Values and personality. *European Journa1 of Personality, 8*, 163-181. doi:10.1002/per.2410080303

Buss, D. M., & Kenrick, D. T. (1998). Evolutionary social psychology. In D. T. Gilbert, S. T. Fiske, & G. Lindzey (Eds.), *The handbook of social psychology* (Vol. 2, 4th ed., pp. 982–1026). New York: McGraw-Hill.

Cieciuch, J., Davidov, E., Vecchione, M., Beierlein, C., & Schwartz, S. H. (2014). The cross-national invariance properties of a new scale to measure 19 basic human values: a test

across eight countries. *Journal of Cross-Cultural Psychology, 45*(5), 764-776. doi:10.1177/0022022114527348

Daly, M., & Wilson, M. (1983). *Sex, evolution, and behavior* (2nd ed.). Belmont, CA: Wadsworth.

Daly, M., & Wilson, M. (1988). *Homicide.* New York: de Gruyter.

Erikson, E. H. (1980). *Identity and the life cycle*. New York, US: W W Norton & Co.

Feather, N. T. (1975). *Values in education and society.* New York: Free Press.

Gomes, N. P., Diniz, N. M., Araújo, A. J., & Coelho, T. M. (2007). Compreendendo a violência doméstica a partir das categorias gênero e geração. *Acta Paulista de Enfermagem, 20*(4), 504-508. doi: 10.1590/S0103-21002007000400020

Gouveia, V. V., Vione K. C., Milfont T. L., & Fischer, R. (2015). Patterns of value change during the life span: Some evidence from a functional approach to values. *Personality and Social Psychology Bulletin, 41*(9), 1-15. doi: 10.1177/0146167215594189

Gregory, R. J. (2004). *Psychological testing: history, principles, and applications*. Boston: Pearson.

Hansenne, M. (2005). *Psicologia da personalidade.* Lisboa: Climepsi Editores.

Heckhausen, J., Wrosch, C., & Schulz, R. (2010). A motivational theory of life-span development. *Psychological Review, 117*(1), 32–60. doi:10.1037/a0017668

Inglehart, R. (1997). *Modernization and postmodernization: cultural, economic, and political change in 43 societies.* Princeton: University Press.

Luk, C. L., & Bond, M. H. (1993). Personality Variation and values endorsement in chinese university students. *Personality and Individual Differences, 14*(3), 429-437. doi:10.1016/0191-8869(93)90312-Q

Martins, C. (2011). *Manual de análise de dados quantitativos com recurso ao IBM SPSS: saber decidir, fazer, interpretar e redigir*. Braga: Psiquilíbrios Edições.

Montero, I., & Léon, O. G. (2007). A guide for naming research studies in Psychology. *International Journal of Clinical and Health Psychology, 7*(3), 847-862. Obtido de http://www.redalyc.org/pdf/337/33770318.pdf

Parks, L., & Guay, R. P. (2009). Personality, values and motivation. *Personality and Individual Differences, 47* (7), 675-684. doi: 10.1016/j.paid.2009.06.002

Parks-Leduc, L., Feldman, G., & Bardi, A. (2015). Personality traits and personal values: a meta-analysis. *Personality and Social Psychology Review, 19*(1), 3–29. doi:10.1177/1088868314538548

Prince-Gibson, E., & Schwartz, S. (1998). Value Priorities and Gender. *Social Psychology Quarterly, 61*(1), 49-67. doi: 10.2307/2787057

Ribeiro, J. L. (2010). *Investigação e avaliação em psicologia e saúde.* Lisboa: Placebo Editora.

Robinson, O. C. (2013). Values and adult age: findings from two cohorts of the European Social Survey. *European Journal of Ageism, 10*(1), 11-23. doi: 10.1007/s10433-012-0247-3

Roccas, S., Sagiv, L., Schwartz, S., & Knafo, A. (2002). The big five personality factors and personal values. *Personality and Social Psychology Bulletin, 28*(6), 789-801. doi:10.1177/0146167202289008

Rokeach, M. (1973). *The nature of human values*. New York: Free Press.

Sandy, C. J., Gosling, S. D., Schwartz, S. H., & Koelkebeck, T. (2016). The development and validation of brief and ultrabrief measures of values. *Journal of Personality Assessment, 99*(5), 545-555. doi:10.1080/00223891.2016.1231115

Schwartz , S. H. (1992). Universals in the content and structure of values: Theory and empirical tests in 20 countries. *Academic Press, 25*, 1-65. doi:10.1016/S0065-2601(08)60281-6

Schwartz, S. H. (2010). Basic values: How they motivate and inhibit prosocial behavior. In M. Mikulincer & P. R. Shaver (Eds.), *Prosocial motives, emotions, and behavior: The better angels of our nature* (pp. 221-241). Washington, DC, US: American Psychological Association. doi:10.1037/12061-012

Schwartz, S. H. (2012). An overview of the Schwartz theory of basic values. *Online Readings in Psychology and Culture, 2*(1), 1-20. doi:10.9707/2307-0919.1116

Schwartz, S. H., & Bilsky (1987). Toward a universal psychological structure of human values. *Journal of Personality and Social Psychology, 53* (3), 550-562. doi: 10.1037/0022-3514.53.3.550

Schwartz, S. H., & Bilsky (1990). Toward a theory of the universal contente and structure of values: Extensions and cross-cultural replications. Journal of Personality and Social Psychology, 58, 878–891. doi: 10.1037/0022-3514.58.5.878

Schwartz, S. H., Sagiv, L., & Boehnke, K. (2000). Worries and values. *Journal of Personality, 68*(2), 309-346. doi:doi:10.1111/1467-6494.00099

Schwartz, S. H., & Rubel, T. (2005). Sex diferences in Value Priorities: Cross-Cultural and Multimethod Studies. *Journal of Personality and Social Psychology, 89*(6), 1010–1028. doi: 10.1037/0022-3514.89.6.1010

Schwartz, S. H., & Rubel- Lifschitz, T. (2009). Cross-National Variation in the Size of Sex Differences in Values: Effects of Gender Equality. *Journal of Personality and Social Psychology,97*(1), 171–185. doi: 1 0.1037/a0015546

Schwartz, S. H., Cieciuch, J., Vecchione, M., Davidov, E., Fischer, R., Beierlein, C., Ramos, A., Verkasalo, M., Lonnqvist, J., Dermirutku, K., Dirilen-Gumus, O., & Konty, M. (2012). Refining the theory of basic individual values. *Journal of Personality and Social Psychology, 103*(4), 663-688. doi: 10.1037/a0029393

Steinke, J. (1997). A portrait of a woman as a scientist: breaking down barriers created by

gender-role stereotypes. *Public Understanding of Science*, *6*(4), 409-428. doi: 10.1088/0963-6625/6/4/006

Trivers, R. L. (1972). Parental investment and sexual selection. In B. Campbell (Ed.), *Sexual selection and the descent of man* (pp. 136–179). Chicago: Aldine.

United Nations (2004). United Nations demographic yearbook review: national reporting of age and sex-specific data. Obtido de https://unstats.un.org/unsd/demographic-social/products/dyb/documents/techreport/md.pdf

Vaillant, G. E. (2002). *Aging well*. London: Little, Brown and Company.

Wood, W. & Eagly, A. H. (2002). A cross-cultural analysis of the behavior of women and men: Implications for the origins of sex diferences. *Psychological Bulletin, 128*(5), 699-727. doi: 10.1037/0033-2909.128.5.699